

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – POSLIN
LINHA C: ESTUDO DA ESTRUTURA GRAMATICAL DA LINGUAGEM

*INTERFACE
MORFOLOGIA E SINTAXE
EM
TENETEHÁRA*

Ricardo Campos Castro

ORIENTADOR: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2007

Ricardo Campos Castro

*INTERFACE
MORFOLOGIA E SINTAXE
EM
TENETEHÁRA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística
Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

BELO HORIZONTE

2007

MEMBROS DA BANCA

PROFESSOR DR. FÁBIO BONFIM DUARTE
ORIENTADOR E PRESIDENTE DA BANCA DE AVALIAÇÃO

PROFESSORA DR^A ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASÍLIA – UNB

PROFESSOR DR. ANGEL HUMBERTO CORBERA MORI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Agradecimentos

Ao meu orientador, pela paciência, por me apresentar um novo mundo - o da lingüística gerativa aplicada às línguas indígenas, pelas críticas e sugestões muito oportunas sem as quais a dissertação não teria sido concluída.

Ao professor Carl Harrison pela utilização de preciosos dados e por sua amizade.

Aos meus informantes, Txinaʔi Tembé, Ronaldo Tembé, Osmael Tembé, Jailton Tembé e Genildo Tembé.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG.

Aos meus colegas da Pós-Graduação que comigo compartilharam os momentos difíceis de maneira solidária e fraterna.

A todos os meus familiares e amigos, principalmente José Maria de Castro, Maria Aparecida Campos de Castro, José Antônio Tavares Lopes, Denise Reis e Francisco de Assis Bernardes Melo.

SUMÁRIO

	PÁGINAS
ABREVIATURAS UTILIZADAS	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO TENETEHÁRA E A LÍNGUA	13
1.1. Considerações e um pouco da história dos Tenetehára	14
1.2. Tronco, família e sub-ramo	16
CAPÍTULO 2 APRESENTAÇÃO DOS FONEMAS E DA MORFOLOGIA VERBAL	18
2.1. Os fonemas da língua	18
2.2. Prefixos absolutivos e nominativos	20
2.2.1. Contextos de ocorrência dos prefixos absolutivos	21
2.2.2. Contextos de ocorrência dos prefixos nominativos	23
2.3. Função dos prefixos {ze-} e {mu-}	24
2.3.1. Contextos de co-ocorrência dos prefixos {ze-} e {mu-}	26
2.4. Morfemas de tempo	28
2.5. Morfemas de negação	29
2.6. Resumo do capítulo	32
CAPÍTULO 3 INERGATIVIZAÇÃO E TRANSITIVIZAÇÃO EM TENETEHÁRA	34
3.1. O fenômeno da Inergatividade	35
3.2. Inergatividade em Tenetehára	39
3.3. Estatuto do prefixo causativo {-mu}	43
3.4. Resumo do capítulo	47
CAPÍTULO 4 ESCOPO DO REFLEXIVO {ze-}	48
4.1. Escopo do reflexivo {ze-} em contextos de incorporação do objeto	48
4.2. Escopo de {ze-} em contextos em que não há incorporação do objeto	53
4.3. Resumo do capítulo	54
CAPÍTULO 5 PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DOS VERBOS INACUSATIVOS	55
5.1. Propriedades dos verbos inacusativos	56
5.2. Diagnósticos de inacusatividade	59
5.2.1. Sujeitos pós-verbais em Inglês	60
5.2.2. Particípio absoluto em Inglês	61
5.2.3. Sujeitos imperativos em Inglês de Belfast	62
5.2.4. O clítico <i>ne</i> em Italiano	62
5.2.5. O dativo de posse em Hebraico	63
5.3. O escopo morfo-semântico do sufixo {-har}	65
5.4. Resumo do capítulo	70

CAPÍTULO 6 PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DO SUFIXO {-har} EM TENETEHÁRA	71
6.1. Principais processos de formação de palavras	72
6.2. Derivação em português e em Tenetehára	74
6.3. Nominalizações por meio do sufixo {-har}:	76
6.4. Nominalizações como mecanismo não restrito ao componente morfológico	82
6.5. Resumo do capítulo	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ABS	Caso absolutivo
AUX	verbo auxiliar
C	prefixo que marca a adjacência do complemento
CAUS	prefixo causativo
COM	Comitativo
CORR	prefixo correferencial {w- ~ o- ~ u-}
DESLOC	sufixo verbal que indica que um constituinte do predicado foi deslocado para uma posição A-barras
ENF	ênfase
FUT	prefixo de tempo futuro
GEN	Caso genitivo
NEG1	negação 1
NEG2	negação 2
NOML	sufixo de nominalização
OBLIQ	Caso obliquo
PASS	passado
PL	plural
POSS	Caso possessivo/genitivo
PSP	posposição
R	partícula relativizadora
RED	reduplicação
REFL	prefixo reflexivo
RELT	partícula relativizadora
1	Eu
12	nós inclusivo (inclui o ouvinte)
13	nós exclusivo (exclui o ouvinte)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo fazer uma interface entre a morfologia e a sintaxe na língua Tenetehára. Analisamos morfemas de aumento e diminuição de valência verbal, morfema de Caso absoluto, de Caso nominativo, de tempo/aspecto/modo e de negação. A partir da ocorrência dos afixos verbais, foi-nos possível propor a ordem linear em que estes afixos co-ocorrem no paradigma da morfologia verbal. Averiguamos ainda o comportamento morfossintático de certos verbos que apresentam objeto incorporado no intuito de fornecer sustentação adicional à hipótese da inergatividade, segundo a qual os inergativos são, ao final das contas, transitivos implícitos, conforme Hale e Keyser (1993). O estudo do prefixo causativo {-*mu*} revela que tal prefixo constitui um expediente de aumento de valência de verbos monoargumentais. Já o prefixo reflexivo {-*ze*} tem a função de diminuir a valência verbal e de indicar a voz medial. Notou-se ainda que o sufixo {-*har*} cumpre, em Tenetehára, a função de derivar nomes a partir de verbos de ação de maneira análoga ao sufixo {-(*d*)*or*} do Português. Assim sendo, a co-ocorrência do sufixo {-*har*} com verbos inacusativos resultará em sentença agramatical. Tal má formação está diretamente relacionada com o fato de os verbos inacusativos não selecionarem um D/NP agente, uma vez que são verbos defectivos por não projetarem a posição de Spec-*v*P. Por fim, tendo em vista o escopo de ocorrência do sufixo {-*har*}, propusemos questionar a Hipótese Lexicalista Forte de Chomsky (1970, 1995) segundo a qual todo processo de formação de palavras se dá no nível lexical. Nossa análise mostrou que o sufixo {-*har*} pode sim formar nomes a partir de constituintes complexos e não apenas a partir de bases simples.

ABSTRACT

This dissertation aims at making an interface amongst morphology and syntax in the Tenetehára language. We analyze morphemes which increase and decrease verbal valence, morphemes of absolutive and of nominative Case, of time/aspect/mood and of negation. Starting with the occurrence of verbal affixes, it was proposed a linear arrangement in which these affixes occur in the verbal paradigm. We still examined the morphosyntactic behavior of certain verbs which present incorporated objects in order to provide additional evidence to the hypothesis of unergativity, according to which unergatives are implicit transitives, in agreement with Hale e Keyser hypothesis (1993). The study of the causative prefix *{-mu}* also reveals that such prefix constitutes an expedient of increasing the valence of verbs with only one argument. The reflexive prefix *{-ze}* has the function of decreasing the verbal valence and of indicating the middle voice. We also show that the suffix *{-har}* derives nouns from verbs of action in a similar way to the suffix *{-(d)or}* of Portuguese. Therefore, the co-occurrence of the suffix *{-har}* with unacusative verbs will result in an ungrammatical sentence. Such bad formation is directly related with the fact that unacusative verbs does not select a D/NP agent, once that they are defectives verbs for not projecting the Spec-*v*P position. Additionally, having in mind the scope of occurrence of the suffix *{-har}*, we propose to question the strong lexicalist hypothesis which was originally proposed by Chomsky (1970, 1995), according to which all the process of word formation happens in the lexical level. Our analysis has revealed that the suffix *{-har}* can generate nouns from complex constituents and not only from simple stems.

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, apresentamos um estudo que tem por objetivo realizar uma análise gramatical da língua Tenetehára cujo foco de atenção é o estudo da interface entre morfologia e sintaxe. Adotamos para este propósito, intuições da lingüística descritiva; da tipologia sintática e da Gramática Gerativa.

O presente volume estrutura-se em seis capítulos. No capítulo 1, apresentamos algumas considerações sobre o povo, a língua, o tronco lingüístico, a família e o sub-ramo do qual o Tenetehára faz parte. Também retomamos, nesta parte, um pouco da história dos índios Tenetehára.

No capítulo dois, exibimos os fonemas e um pouco da morfologia verbal. Além disto, arrolamos os prefixos nominativos e absolutivos. Conforme veremos, os prefixos nominativos indicam distinção entre as pessoas do discurso. Por outro lado, os prefixos absolutivos apenas assinalam funções argumentais, não desempenhando, dessa forma, a função de distinguir as pessoas do discurso. Ademais, os alomorfes de tais prefixos sinalizam a relação de adjacência ou não que se dá entre o núcleo do sintagma verbal e o argumento por ele codificado. Acompanhando Duarte (2006, 2007), nossa hipótese é a de que a flexão relacional reflete, ao final das contas, a realização do Caso estrutural que é atribuído pelo núcleo verbal em sentenças transitivas e intransitivas. Outro objetivo é motivar que o prefixo {*mu-*} aumenta a

valência de predicados, enquanto o prefixo {*ze-*} diminui o número de argumentos de um verbo.

No capítulo 3, observamos que em Tenetehára há certos inergativos que podem ser considerados como transitivos implícitos, haja vista serem resultantes da incorporação do seu argumento interno ao verbo lexical, tal fato dá sustentação adicional à hipótese inergativa formulada por Hale e Keyser (1993); Bobaljik (1993) e Laka (1993). Além disso, propomos que o prefixo causativo {*mu-*} pode ser interpretado como sendo a realização do verbo leve causativo no componente morfológico, cuja função principal é gerar verbos transitivos.

No capítulo 4, postulamos que a função gramatical do prefixo {*ze-*}, quando este último co-ocorre com o objeto incorporado, é indicar que este objeto incorporado deve ser de natureza [+INALIENÁVEL] e deve ser a posse do sujeito da sentença. Buscamos, ainda, motivar a hipótese de que a manifestação do morfema reflexivo {*ze-*}, em contextos de não incorporação, faz surgir a voz medial ou reflexiva.

No capítulo 5, consideramos o escopo do sufixo agentivo {-*har*} em Tenetehára. A hipótese assumida é a de que um determinado verbo intransitivo será inergativo se puder co-ocorrer com o sufixo {-*har*}. Por sua vez, se tal verbo monoargumental não puder co-ocorrer com este sufixo, ele será inacusativo.

Já no capítulo 6, fato observável é a idéia de que o sufixo {-*har*} deriva palavras por meio de bases simples e por meio de sintagmas complexos. Como implicação desta última assertiva, propomos que há sim palavras sintáticas em Tenetehára. Nesse aspecto, sugerimos que a Hipótese Lexicalista Forte de Chomsky

(1970 e 1995) precisa ser mais flexibilizada, uma vez que os dados do Tenetehára sugerem que podemos ter formação de palavras também no nível sintático, e não apenas no léxico.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO TENETEHÁRA E A LÍNGUA

A língua Tenetehára é falada pelos índios Tembé e Guajábara. Vêm-se, no mapa abaixo, os rios e o local onde as aldeias dos índios Tembé e Guajábara estão situadas.



1.1. CONSIDERAÇÕES E UM POUCO DA HISTÓRIA DOS TENETEHÁRA

A língua Tenetehára é falada pelos índios Tembé e Guajajára cujas aldeias se situam no estado do Maranhão e no estado do Pará. Os índios que vivem no estado do Maranhão são chamados de Guajajára e os que se localizam às margens do rio Gurupi, no Pará, são referidos pelos não-índios como Tembé. Os índios Guajajára distribuem-se à margem dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e seus afluentes. O pequeno grupo de índios que vivem ao norte do Estado do Pará, conhecidos como Tembé, utilizam a mesma língua e são provenientes de índios Guajajára que migraram à oeste durante fluxos migratórios ocorridos nos séculos XVII e XVIII, em virtude de frentes de expansão levada a cabo pelos colonos portugueses que adentravam a região nessa época.

Conforme Gomes (2002), no início do séc. XVII, quando os Tenetehára viviam na altura do curso médio do rio Pindaré, havia cerca de dez mil Teneteháras. Os portugueses, ao expulsarem os franceses do litoral, fizeram expedições no vale do Pindaré à procura de escravos, com isso, a população Tenetehára caiu vertiginosamente. Em meados do Séc. XVII, segundo estimativas de Gomes (*op. cit*), muitos Teneteháras ainda viviam em regime de escravidão, pois o trabalho era compulsório e muito mal remunerado. O regime de escravidão vai perdurar até o Séc. XVIII quando o governo de Pombal anula o poder dos missionários, expulsa os jesuítas e transforma os aldeamentos maiores em vilas e os menores em lugares regidos segundo as normas dos núcleos urbanos portugueses.

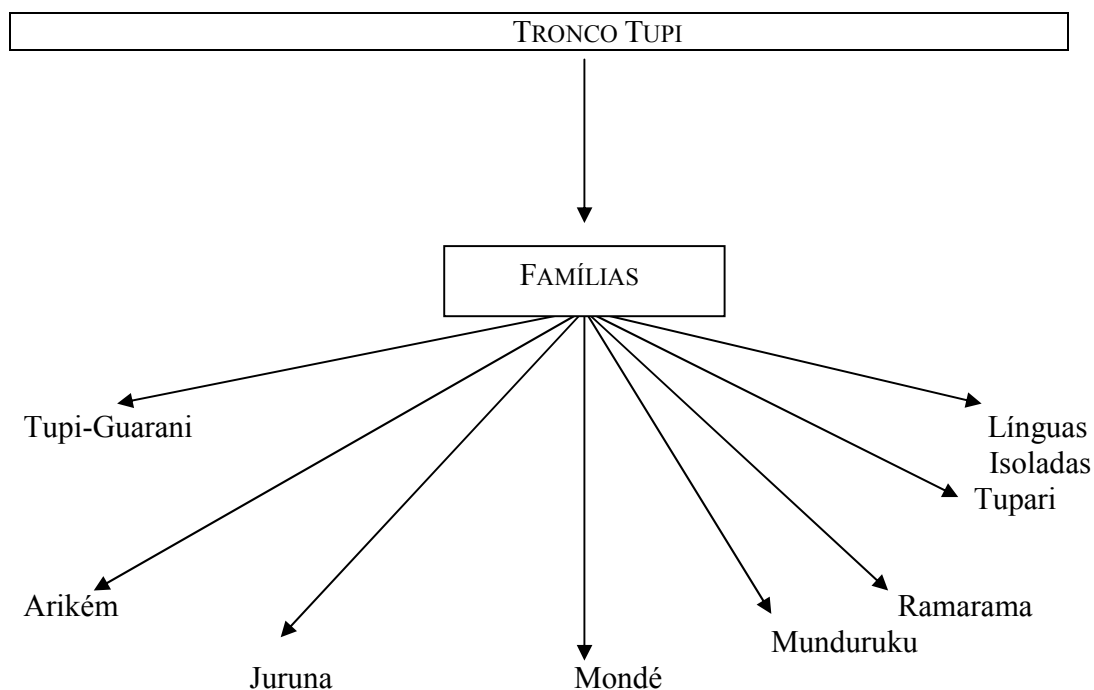
Em contrapartida, os Tenetehára que haviam permanecido nos cursos médio e alto do Pindaré e seus afluentes serão ignorados pelos colonos e irão passar por um período de expansão e crescimento demográfico. Eles se expandem para oeste, em direção ao Gurupi, para sul e sudeste do estado do Maranhão. Estabelecem-se principalmente nos cursos altos dos rios Pindaré, Buriticupu, Zutiá, Grajaú e Mearim.

Em 1798, medidas retrógradas referentes à política indígena, como por exemplo, a permissão de escravidão temporária de índios, em certas regiões do Brasil, parecem não afetar os Tenetehára. Estima-se que estes índios podem ter chegado a 9 mil pessoas neste período. Estes índios eram livres, mas considerados inferiores. A partir de 1901, uma série de atitudes hostis se instalou entre os Tenetehára e os brancos, principalmente devido à má gestão da missão capuchinha de Alto Alegre, no Alto Mearim, apesar das suas contribuições com a instrução escolar e com as artes e ofícios. Mortes de crianças e punições aos índios ocorriam nessa época. Como consequência, foi desencadeado nesse período um levante que ficou conhecido como o “*Levante de Monte Alegre*” contra a missão capuchinha. Por cerca de 20 anos, atitudes de desconfiança reinaram entre os brancos e os Tenetehára. No ano de 1910, fora instalado na região o Serviço de Proteção aos Índios, antigo SPI, o qual será extinto com a criação da FUNAI em 1967.

1.2. TRONCO, FAMÍLIA E SUB-RAMO

Conforme nos revela Rodrigues (84-85), existem cerca de 180 línguas indígenas brasileiras. Neste conjunto, as diferenças e semelhanças entre estas línguas revelam procedências comuns e variações advindas ao longo do tempo.

Na totalidade das línguas indígenas brasileiras, verificam-se dois grandes *troncos* - o Tupi e o Macro-Jê - e 19 famílias lingüísticas que não oferecem percentuais de afinidades que bastem para que possam ser reunidas em troncos. Consoante Duarte (2007, p.21), a língua Tenetehára está inserida no tronco lingüístico Tupi e pertence à família lingüística Tupi-Guaraní, conforme o diagrama a seguir:



Conforme Rodrigues (1984-1985), as línguas da família Tupi-Guarani dividem-se em oito subconjuntos, tal subdivisão leva em conta propriedades fonológicas em comum. Os sub-ramos são arrolados por meio da tabela abaixo.

SUB-RAMOS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI							
RAMO I	RAMO II	RAMO III	RAMO IV	RAMO V	RAMO VI	RAMO VII	RAMO VIII
Guarani Antigo	Guarayu	Tupinambá	Assuriní	Kayabí	Parintintín	Kamaiurá	Takunyapé
Guarani Mbyá	Sirionó	Língua Geral Paulista	Tapirapé	Xingu Assuriní	Tupi-Kawahíb		Emerrillon
Xetá	Jora (Bolívia)	Nheengatu (Língua Geral Amazônica)	Ava Canoeiro	Araweté	Apiaká		Ka'apor
Nandeva	Cocama		Suruí				Wayampí
Kaiwá	Cocamilla		Parakanã				Amanayé
Guarani Paraguaio	Omagua		Guajajára				Anambé
Guayakí			Tembé				Turiwara
Tapieté			Turiwara				Guajá
Chiriguano (Guarani da Bolívia)							
Izoceño							

tabela 1

Podemos notar, pela tabela acima, que a língua Tenetehára (Guajajára e Tembé) pertence ao sub-ramo IV juntamente com o Assuriní, o Tapirapé, o Ava Canoeiro, o Suruí e o Parakanã.

No próximo capítulo, busco apresentar os fonemas da língua Tenetehára e os principais morfemas que ocorrem no verbo.

CAPÍTULO 2:

APRESENTAÇÃO DOS FONEMAS E DA MORFOLOGIA VERBAL

Neste capítulo, temos por objetivo apresentar os fonemas da língua Tenetehára e arrolar alguns dos prefixos ocorrentes nos verbos. Outra finalidade do capítulo é mostrar a seqüência em que esses morfemas verbais co-aparecem na ordem linear.

O capítulo está estruturado em seis seções, a saber: na seção 2.1. apresento os fonemas da língua; na seção 2.2., retomo a análise de Duarte (2003), (2005) e (2007), em que se apresentam as ocorrências dos prefixos $\{\emptyset- \sim r-\}$ e $\{i- \sim h-\}$ na língua. Na seção 2.3. busco mostrar a co-ocorrência dos morfemas $\{ze-\}$ e $\{mu-\}$; na seção 2.4., investigo os morfemas de tempo $[-r\emptyset m]$, $[-(k)wer]$ e $[-(pu)tar]$; na seção 2.5., analisam-se os morfemas circunfixais de negação $\{na-/n-.....j\}$ e $\{na-/n-.....kwaw\}$; por fim, na seção 2.6., apresento o resumo do capítulo.

2.1. OS FONEMAS DA LÍNGUA

A língua Tenetehára possui 14 fonemas consonantais e 7 vocálicos, perfazendo um total de 21 fonemas. Além destes, existem segmentos em variação livre e em distribuição complementar; os quais não serão incluídos nas tabelas abaixo

porque a presente dissertação não tem como finalidade explicar fenômenos ligados a aspectos da sonoridade da língua.

	Bilabial	alveolar	velar	velar	glotal
Oclusivas	p	t	k	kw	ʔ
Fricativas		s ¹ z			
Vibrantes Simples		r			
Nasais	m	n	ŋ	ŋw	
Glides	w				h
TABELA 1: FONEMAS CONSONANTAIS					

	anterior	Central	posterior
Alta	i	ɨ	u
Média	e	ə	o
Baixa	a		
TABELA 2: FONEMAS VOCÁLICOS			

Na próxima seção, investigo os prefixos absolutivos e nominativos. O objetivo é mostrar que os prefixos nominativos indicam distinção entre as pessoas do discurso, enquanto os prefixos relacionais de Caso absoluto apontam para as funções argumentais que os D/NPs assumem na sentença. Estes prefixos não especificam as pessoas do discurso, mas apenas estabelecem relações argumentais entre o núcleo e seu argumento interno.

¹ Diferentemente de Duarte (2007) adotarei aqui o fonema /z/, visto que grande parte dos dados colhidos nesta pesquisa é oriunda do dialeto Guajajára.

2.2. PREFIXOS ABSOLUTIVOS E NOMINATIVOS

Nas duas tabelas a seguir, arrolo os prefixos absolutivos e os prefixos nominativos que são cruciais para entendermos o sistema de codificação dos argumentos nucleares (A), (S) e (O) em Tenetehára. Adotaremos aqui a terminologia proposta por Duarte (2007) segundo a qual “o rótulo (A) faz referência ao sujeito de verbos transitivos (de ação), o símbolo (Sa) refere-se aos sujeitos de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), e o termo (So) indica os sujeitos de verbos descritivos e, por fim, (O) equivale ao DP objeto de verbos transitivos”.

	adjacência do complemento	não adjacência do complemento
classe I	∅-	i-
classe II	r-	h-

TABELA 3: PREFIXOS ABSOLUTIVOS

prefixos pessoais nominativos	significado
a-	“eu”
re-	“tu”
si- ² da-	“nós _{inclusivo} ”
uru-	“nós _{exclusivo} ”
pe-	“vós”
u- ~ w- ~ o-	“ele(a)(s)”

TABELA 4: PREFIXOS NOMINATIVOS

² O prefixo {-si} é usado nos verbos transitivos, enquanto o prefixo {-da} ocorre nos verbos intransitivos

Segundo Grannier (2005, p. 139) os prefixos absolutivos nas línguas Tupi-Guarani apontam para “*relações entre núcleos e seus argumentos. Embora não indiquem nem distinção de pessoas nem as funções que desempenham, do ponto de vista da estrutura interna do constituinte, eles marcam uma função argumental*”. Por outro lado, os prefixos nominativos, além de codificarem as funções (A), (S) e (O), também indicam distinção entre as pessoas do discurso.

2.2.1. CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DOS PREFIXOS ABSOLUTIVOS

A fim de apresentar os contextos de ocorrência dos prefixos absolutivos, arrolamos os seguintes exemplos:

TEMA VERBAL DA CLASSE VERBAL I

(1) *he* *ø-zuka-rəm* *zawar*
 me ABS-matar-FUT onça
 “A onça me matará” Duarte (2005, p. 4)

(2a) *ne* *ø-kən*
 tu ABS-ser forte
 “Tu és forte” Duarte (2007, p. 51)

(2b) *i-kən*
 ABS-ser forte
 “(Ela) é forte” Duarte (2005, p. 9)

TEMA VERBAL DA CLASSE VERBAL II

(3) *he* *r-aro-rəm* *Purutu*
 me ABS-esperar-FUT Purutu
 “Purutu me esperará” Duarte (2005, p. 4)

(4a) *zawar* *r-up#ij*
 onça ABS-estar com sono
 “A onça está com sono” Duarte (2007)

- (4b) *h-upihij*
 ABS-estar com sono
 “(Ela) está com sono” Duarte (2005, p. 9)

Conforme mostram os dados de (1) a (3), os prefixos absolutivos { \emptyset - ~ r-} ocorrem quando existe uma relação de adjacência entre o núcleo do sintagma verbal e o DP na função sintática de objeto (O). Por sua vez, quando a codificação do DP argumento for feita pelo prefixo {*i-* ~ *h-*} é sinal de que este DP foi omitido. Esta parece ser a situação que ocorre nos exemplos (2b) e (4b) acima em que o sujeito dos verbos estativos não está imediatamente adjacente ao verbo.

Além disso, os prefixos relacionais de Caso absolutivo podem apontar para o fato de o objeto e o sujeito figurarem em uma posição derivada, particularmente para uma posição A-barra, conforme indicam os seguintes exemplos:

- (5a) *u-muaʔaŋ teko iwira inimo pihun pupe kuri*
 3-marcar a gente madeira fio preto com então
 “A gente marca a madeira com fio preto então” Duarte (2005, p. 18)

- (5b) *upaw iwira_i teko i_i-muaʔaŋ- \emptyset kuri*
 toda madeira a gente ABS-marcar-DESLOC então
 “TODA A MADEIRA, a gente marca então”. Duarte (2005, p. 18)

- (6a) *w-esak Fábio Márcia*
 3-ver Fábio Márcia
 “Fábio viu a Márcia”. Duarte (2005, p. 18)

- (6b) *upaw Márcia_i Fábio h_i-esak- \emptyset _i*
 toda Márcia Fábio ABS-ver-DESLOC
 “TODA A MÁRCIA, Fábio viu”.

[Lit.: Viu-a por inteiro, integralmente, e não parcialmente].

Duarte (2005, p. 19)

Consoante Duarte (2007 p. 160), a distinção fundamental entre os exemplos (a) e (b) é que, nestes últimos, o DP objeto estando focalizado é alçado para a periferia esquerda da oração, possivelmente para atender ao critério A-barras³.

2.2.2. CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DOS PREFIXOS NOMINATIVOS

Já os prefixos nominativos codificam DPs na função sintática de sujeito (A) e (Sa), conforme mostram os exemplos em (7) e (8) a seguir:

- (7) *he a-zuka-rəm amoə*
eu eu-matar-FUT outro
“Eu vou matar outro (= o macaco)

Duarte (2005, p. 5)

- (8) *w-iko Purutu aʔe pe*
3-estar Purutu lá em
“Purutu está lá”

Duarte (2005, p. 12)

Assim sendo, com base nos dados arrolados na presente seção, concluímos que a língua Tenetehára dispõe de prefixos nominativos e absolutivos para codificar argumentos nucleares, apresentando a seguinte cisão na codificação de tais argumentos: enquanto verbos inergativos e inacusativos de processo são codificados por meio dos prefixos de Caso nominativo, os verbos inacusativos

³ De acordo com Mioto (2001) o critério A-barras “regula os *Spec A-barras* da periferia esquerda da sentença (...). O núcleo (...) determina a arquitetura do constituinte”

estativos/descriptivos são identificados por meio dos prefixos de Caso absoluto. Para mais detalhes sobre os vários tipos de cisões que ocorrem para codificar os argumentos nucleares em sentenças transitivas e intransitivas, remeto o leitor para os trabalhos de Duarte (1997), (2003) e (2007).

Na próxima seção, investigo a ordem de ocorrência do prefixo reflexivo {*ze-*} em relação ao prefixo causativo {*mu-*}.

2.3. FUNÇÃO DOS PREFIXOS {*ze-*} E {*mu-*}

Em Tenetehára, verbos monoargumentais podem se transformar em transitivos; e verbos transitivos, por sua vez, podem tornar-se intransitivos, situações nas quais sofrem alteração de valência. Assim sendo, o objetivo nesta seção é mostrar que os prefixos {*ze-*} e {*mu-*} são, muitas vezes, acionados para indicar diminuição ou aumento de valência. Por exemplo, o prefixo causativo {*mu-*} tem a propriedade de aumentar a valência de verbos, conforme os exemplos a seguir:

- INACUSATIVO**
- (9a) *u-pirik*
 3-gotejar
 “(Algo) goteja” Harrison (2007)
- INACUSATIVO → TRANSITIVO**
- (9b) *u-mu-piri-pirik* *aʔe* *maʔe* *ø-zuka-haw* *ɨwi* *r-ehe*
 3-CAUS-gotejar-RED ele coisa ABS-matar-NOML chão OBLIQ-em
 “(Ele) faz o veneno gotejar no chão” Harrison (2007)

INERGATIVO

- (10a) *aʔe u-awak*
3 3-acenar
“Ele acena” Harrison (2007)

INERGATIVO→TRANSITIVO

- (10b) *aʔe u-mu-awa-awak u-kwə*
3 3-CAUS-acenar-RED CORR-dedo
“Ele acenou o dedo”
[Lit.: Ele fez o dedo acenar] Harrison (2007)

Observa-se que, nos dados em (9b) e (10b), o prefixo causativo {*mu-*}, quando co-ocorre com verbos monoargumentais, aumenta a sua valência, tornando-os transitivos. Em suma, passam de inacusativos/inergativos a transitivos, conforme fica evidente pelos exemplos em (9) e (10).

Já o prefixo reflexivo {*ze-*}, quando ocorre em verbos transitivos, diminui o número de argumentos que, originalmente, são c-selecionados pelo verbo. Ou seja, verbos biargumentais, quando figuram com este prefixo, tornam-se intransitivos ao ter omitido o seu argumento interno. Tal situação fica particularmente evidente nos exemplos (11) e (12) abaixo.

TRANSITIVO

- (11a) *u-pin h-əmuaw*
3-raspar POSS-barba
“Ele raspa a barba (de alguém)” Harrison (2007)

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (11b) *aʔe_i u-ze_i-pin*
3 3-REFL-raspar
“Ele se raspa”
[Lit. Ele faz a própria barba] Harrison (2007)

TRANSITIVO

- (12a) *u-hí-u-híu* *h-uwa* *pæn* *ø-pupe*
3-limpar-3-limpar POSS-rostro pano C-PSP
“Ela limpou a cara (de outra pessoa) com um pano”
Harrison (2007)

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (12b) *u_i-ze_i-hí-ze_i-híu*
3-REFL-limpar-REFL-limpar
“Ele se limpa”
Harrison (2007)

Vejam que os verbos transitivos *-pin* ‘raspar’ em (11a) e *-híu* ‘limpar’ em (12a), figuram como verbos que c-selecionam tanto argumentos externos como argumentos internos. Todavia, nos exemplos (11b) e (12b), a presença do reflexivo {ze-} denota que o sujeito pratica e recebe a ação denotada pelo verbo. Em síntese, os verbos *-pin* e *-híu*, em tais exemplos, se tornam monoargumentais quando da presença do prefixo reflexivo {ze-}. Nesse sentido, assumirei que o uso do prefixo {ze-} constitui um expediente de inergativização dos verbos que são originalmente transitivos.

2.3.1. CONTEXTOS DE CO-OCORRÊNCIA DOS PREFIXOS {ZE-} E {MU-}

Além dos contextos apresentados na seção anterior, existem ainda certos ambientes sintáticos nos quais os prefixos {ze-} e {mu-} podem co-ocorrer, conforme indica o seguinte exemplo:

- (13) *u-pʰa* *aʔe* *pe*
 3-ficar lá PSP
- taʔe* *n-u-puner-kwaw* *u-ze-mu-míj*
 porque NEG1-3-poder-NEG2 3-REFL-CAUS-mexer
 “Ele ficou lá porque não podia se mexer” Harrison 2007

Vejam que *-ze-mu-míj* ‘mexer-se’ corresponde a um verbo inergativo, visto que s-seleciona um único DP_{agente}. Nota-se que tanto o morfema {*mu-*} quanto o prefixo {*ze-*} estão presentes, o que nos permite identificar que a seqüência de ocorrência desses morfemas é [REFLEXIVO + CAUSATIVO]. Isto fica particularmente notório pelos exemplos a seguir:

INERGATIVO→TRANSITIVO

- (14a) *u-mu-míj*
 3-CAUS-mexer
 “Ele fez algo mexer/sacudir/agitar.” Harrison 2007
- (14b) *teko* *n-u-mu-míj-kwaw* *aʔe* *ʔi* *wə*
 gente NEG1-3-CAUS-mexer-NEG2 aquela água PL
 “As pessoas não fizeram aquela água mexer.” Harrison 2007

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (15a) *u-ze-mu-míj*
 3-REFL-CAUS-mexer
 “Ele se mexeu” Boudin (1966, p. 321) Vol. I
- (15b) *u-pʰa* *aʔe* *pe*
 3-ficar lá PSP
- taʔe* *n-u-puner-kwaw* *u-ze-mu-míj*
 porque NEG1-3-poder-NEG2 3-REFL-CAUS-mexer
 “Ele ficou lá porque não podia se mexer” Harrison 2007

Tomando por base os dados apresentados acima, proporei que os morfemas {ze-} e {mu-}, quando são inseridos na morfologia, podem gerar aumento e diminuição de valência, respectivamente. Tal alternância de valência ocasionada pelo uso dos dois morfemas pode ser enunciada por meio do seguinte filtro:

FILTRO DE VARIAÇÃO DE VALÊNCIA VERBAL

- (16a) *o acréscimo do prefixo causativo {mu-} a verbo inergativos faz com que tais verbos passem a c-selecionar um argumento interno, i.e., um objeto, transformando-os, por isso, em verbos transitivos;*
- (16b) *a inserção do prefixo {ze-}, na morfologia verbal, faz com que o verbo transitivo se transforme em inergativo.*

Na próxima seção, o intuito é mostrar as ocorrências dos sufixos modo-temporais [-rə̃m], [-(k)wer] e [-(pu)tar].

2.4. MORFEMAS DE TEMPO

Em consonância com Duarte (2003 p. 44 e 45), os verbos podem apresentar os sufixos modo-temporais [-rə̃m], [-wer] e [-(pu)tar]. Estes sufixos se distinguem semanticamente entre si pelas seguintes propriedades:

(i) o sufixo [-rə̃m] aponta para o fato de o participante do processo verbal ter a intenção de realizar a ação. Além disso, tal sufixo indica futuro próximo;

(ii) os sufixos [-(k)wer] e [-(pu)tar] codificam vontade, desejo do participante em realizar o evento. Contudo, [-(pu)tar] tem acepção de futuro, enquanto o sufixo

(*k*)*wer* denota tempo pretérito. Os dados a seguir mostram o uso desses morfemas em vários contextos.

- (17) *Siba u-zuka-rəm zawar o-ho*
 Sibá 3-matar-FUT onça 3-ir
 “Sibá irá matar a onça”.
 [Lit: Sibá terá a intenção de matara onça] Duarte (2003, p. 45)
- (18) *kamirəŋ pe he ø-ho-wer*
 kamiranga para 1 C-ir-PASS
 “Para kamiranga, eu desejava ir.” Duarte (2003, p. 45)
- (19) *he ø-zahak-wer twe ʔar*
 1 C-banhar-PASS freqüentemente dia
 “Eu desejava banhar diariamente”. Duarte (2003, p. 45)
- (20) *a-ze ʔeŋar-putar*
 1-cantar-FUT
 “(Eu) quero cantar”. Duarte (2003, p. 45)

Na próxima seção, o intuito é apresentar as ocorrências dos morfemas circunfixais de negação {*na-/n-.....j*} e {*na-/n-.....kwaw*} a bases verbais.

2.5. MORFEMAS DE NEGAÇÃO

Consoante Duarte (2002, p. 7), na língua Tenetehára, produz-se a negação pelo uso do morfema circunfixal {*na-/n-.....j- ~-ø*}/{(*k*)*waw*}. Adicionalmente, segundo Duarte (2003 p. 47) e Harrison (2007), em comunicação pessoal, existe um diferente escopo semântico-pragmático entre o sufixo {-*j* ~ -*ø*}, por um lado, e do sufixo {-(*k*)*waw*}, por outro. Ou seja, enquanto o primeiro denota que o evento não ocorreu,

ele pode ainda se realizar em outra ocasião, já o sufixo $\{-(k)waw\}$ sugere que a ação jamais se realizará, em virtude da inaptidão física do suposto causador da ação ou por simples impossibilidade causada por circunstâncias diversas. Estas diferenças semântico-pragmáticas podem ser observadas por meio dos exemplos de (21) a (28) a seguir.

(21) *ure n-uru-zuka-j kwehe miar a?e mehe*
 12 NEG1-12-matar-NEG2 PASS caça ele dia
 “Nós não matamos” (poderemos matar um dia). Duarte (2002, p. 1)

(22) *na-pe-sak-ø*
 NEG1-2PL-ver-NEG2
 “(Vocês) não viram” (poderão ver um dia). Duarte (2002, p. 1)

Além do morfema de negação dos exemplos (21) e (22), ocorre, também, na língua, o morfema $\{na-/n.....(k)waw\}$ conforme os exemplos em (23) e (24).

(23) *n-oho-kwaw a?e*
 NEG1-ir-NEG2 ele
 “Ele não foi” (nunca vai). Harrison (2007)

(24) *na-h-e-kwaw*
 NEG1-ABS-gostoso-NEG2
 “Sem gosto, sem sabor, sem sal” (nunca vai ter). Harrison (2007)

(25) *na-h-e-j*
 NEG1-ABS-gostoso-NEG2
 “Sem gosto, sem sabor, sem sal” (pode ser que um dia venha a ter).
 Boudin (1966, p. 172) Vol. II

(26) *na-?i-ma?e-kwaw*
 NEG1-ABS-coisa-NEG2
 “Nu, sem nada”.
 [Lit. “Ele não tem nada” (nunca vai ter)]. Harrison (2007)

- (27) *na-ʔ-maʔe-j*
 NEG1-ABS-coisa-NEG2
 “Nu, sem nada”.
 [Lit. “Ele não tem nada” (pode ser que um dia venha a ter)]. Harrison (2007)
- (28) *na-ʔ-katu-j*
 NEG1-ABS-bem-NEG2
 “Não presta, não convém, não está bem”
 (pode ser que um dia venha a melhorar). Boudin (1966, p. 172) Vol. II

Conforme podemos notar pelos exemplos de (21) a (28), o morfema {*na-*} modifica-se de acordo com o ambiente fonético em que aparece. A saber: (a) /*na-*/ muda para /*n-*/ antes de vogal, como nos exemplos em (21) e (23), e (b) /*na-*/ continua inalterado antes de consoante, como nos exemplos de (22) a (28).

2.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, arrolamos os fonemas da língua Tenetehára. Além disso, buscamos mostrar a ocorrência dos prefixos nominativos e absolutivos. Conforme vimos, os prefixos nominativos indicam distinção entre as pessoas do discurso. Por outro lado, os prefixos absolutivos apenas apontam funções argumentais, não realizando, dessa forma, distinções entre as pessoas do discurso. Além disso, os alomorfes de tais prefixos revelam a relação de adjacência ou não entre o núcleo do sintagma verbal e o argumento por ele codificado. Outro objetivo deste capítulo foi o de motivar que o morfema $\{mu-\}$ aumenta a valência de predicados, enquanto o prefixo $\{ze-\}$ diminui o número de argumentos de um verbo. Adicionalmente, em contextos nos quais co-ocorrem tais morfemas, produzem-se verbos inergativos. Mostramos ainda que os sufixos $[-rəm]$, $[-(k)wer]$ e $[-(pu)tar]$, codificam informações modo-temporais às sentenças. Apresentamos, por fim, os morfemas descontínuos de negação, a saber, $\{na-/n-.....j\}$ e $\{na-/n-.....kwaw\}$. Como notamos, tais morfemas parecem indicar diferenças semântico-pragmáticas às sentenças, a saber, enquanto $\{-j \sim -\emptyset\}$ denota que evento não ocorreu, ele pode ainda se realizar em outro momento, já o sufixo $\{-(k)waw\}$, apesar de também expressar que o evento não aconteceu, sugere, por outro lado, que a ação nunca se realizará.

Sendo assim, com base nos dados apresentados até o momento, chegamos ao seguinte padrão de ordenação dos afixos verbais em verbos transitivos e intransitivos, a saber:

NEG. 1	PREFIXOS NOMINATIVOS	PREFIXOS RELACIONAIS	REFLEXIVO	OBJETO INCORPORADO	CAUSATIVO	RAIZ VERBAL ⁴	TEMPO/ASPECTO/MODO	NEG. 2
{na-/n̄} {na-/n-}	{a-} {re-} {si- ~ da-} {uru-} {pe-} {u- ~ w- ~ o- }	{o- ~ r-} {i- ~ h-}	{-ze}	-kwə	{-mu}	-awak	[-rəm] [-(k)wer] [-(pu)tar]	{-j ~ -θ} {(k)waw}

TABELA 5: AFIOS VERBAIS

No capítulo seguinte, temos por finalidade avaliar a hipótese de que verbos inergativos são transitivos implícitos e analisar o comportamento morfológico do prefixo causativo {-mu}.

⁴ A raiz verbal pode estar reduplicada ou não. Tal reduplicação adiciona aspecto iterativo ao verbo.

CAPÍTULO 3:

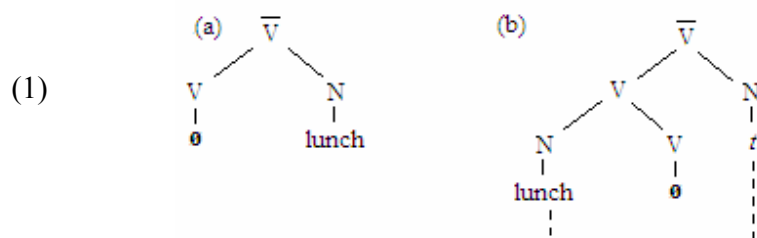
INERGATIVIZAÇÃO E TRANSITIVIZAÇÃO EM TENETEHÁRA

Neste capítulo, buscamos analisar os verbos inergativos na língua Tenetehára e avaliar a hipótese desenvolvida por Hale e Keyser (1993); Bobaljik (1993) e Laka (1993) de que os verbos inergativos são, ao final das contas, transitivos implícitos, visto que são derivados a partir da incorporação do seu argumento interno ao verbo lexical, e este último ao verbo leve (abstrato). Outro objetivo da análise é investigar o escopo morfossintático do prefixo causativo {*mu-*}. A hipótese que desenvolveremos é que o prefixo {*mu-*} é a realização do verbo causativo (i.e. *light verb*) no componente morfológico, o qual pode ter a função de tornar, em princípio, verbos inacusativos, verbos descritivos e até mesmo nomes em verbos transitivos.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira: na seção 3.1., retomo algumas propostas teóricas assumidas no âmbito da teoria gerativa relacionadas ao fenômeno da inergatividade; na seção 3.2., busco mostrar que o verbo inergativo em tenetehára exibe o objeto incorporado visivelmente na morfologia como ocorre com o esquimó, diferentemente do que se observa em outras línguas como, por exemplo, o Basco, o Inglês e o Português em que não se tem a incorporação morfológica; na seção 3.3., investigo o estatuto do prefixo causativo {*mu-*}, buscando mostrar que este morfema possui a propriedade de aumentar a valência de verbos inergativos e inacusativos e até mesmo de nomes, tornando-os predicados transitivos; por fim, na seção 3.4., apresento o resumo do capítulo.

3.1. O FENÔMENO DA INERGATIVIDADE

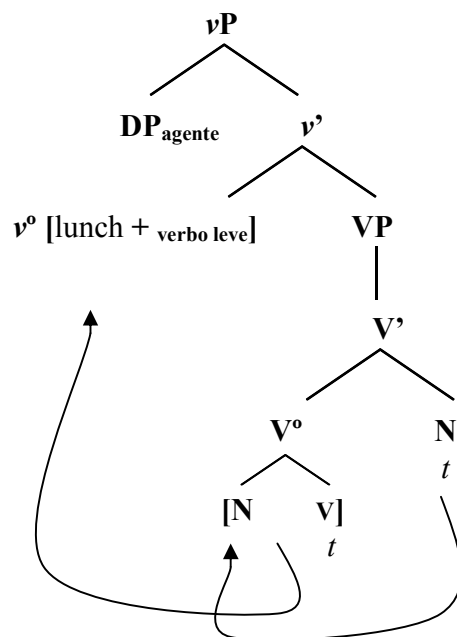
No âmbito da literatura gerativa, há a assunção de que nem todos os verbos intransitivos são na verdade verbos que c-selecionam apenas um argumento. Segundo esta intuição, verbos inergativos diferem de inacusativos pelas seguintes razões: (i) os inergativos precisam s-selecionar um DP_{agente} , enquanto os inacusativos necessitam selecionar apenas um DP_{paciente} e (ii) os inergativos são, ao final, *hidden transitive verbs*⁵ no sentido de que, em muitas línguas, estes verbos podem emergir como verbos biargumentais por poderem selecionar tanto um argumento interno como um argumento externo. Para Hale and Keyser (1993), os verbos inergativos são derivados por meio da incorporação do complemento ao verbo lexical, conforme indico pelas configurações arbóreas em (1a) e (1b) a seguir:



Segundo os autores, após a formação do verbo lexical “to lunch”, o verbo leve abstrato é acrescentado à estrutura (1b) por meio da operação *merge*, obrigando o verbo lexical a mover-se até o núcleo v^0 , conforme a configuração sintática em (2).

⁵ Este termo foi sugerido por Hale and Keyser (1993) e assumido por Chomsky (1995, p. 315/316).

(2)



Uma evidência a favor de se postular a incorporação do complemento, conforme (1b), e a elevação de verbo lexical até o núcleo v° , conforme (2), pode ser encontrada pelo fato de as estruturas inergativas, em (3) e (4), poderem sofrer paráfrases do tipo “X é a causa de um evento de risada” ou “X correu uma corrida”, conforme as leituras apresentadas nos exemplos (b) a seguir:

- (3) a. O menino riu.
b. O menino deu um riso.
- (4) a. O menino correu.
b. O menino deu uma corrida.

Diferentemente do Português e do Inglês, o Basco permite que os inergativos surjam como transitivos e não como inergativos, conforme podemos ver nos exemplos em (5), retirados de Laka (1993, p. 152-153).

- (5a) *Nik lan egin dut*
 I-ERG work done have-me
 ‘I worked’ (I did work) Laka (1993, p. 152)
- (5b) *Nork negar egin dut*
 I-ERG cry done have-me
 ‘I have cried’ Laka (1993, p. 153)
- (5c) *Nik eztul egin dut*
 I-ERG cough done have-me
 ‘I have coughed’ Laka (1993, p. 152)
- (5d) *Nik oihu egin dut*
 I-ERG scream done have-me
 ‘I have screamed’ Laka (1993, p. 153)

Observem que os verbos (“intransitivos”) em (5) são todos transitivos no Basco. Tal fato mostra que no basco existe efetivamente o objeto em construções que equivalem a verbos inergativos em Português e no Inglês.

Uma forte evidência de que os inergativos são verbos transitivos no basco surge dos diagnósticos apresentados por Uribe-Etxebarria (1989), segundo os quais o NP não incorporado e o verbo leve *egin* ‘fazer’ não são partes de um mesmo composto lexical, visto que são itens independentes no componente sintático. Os testes apresentados pela autora indicam que, em perguntas do tipo QU-, o verbo leve e o nome aparecem como dois itens lexicais distintos na sintaxe visível, conforme se vê pelos exemplos de (6a) a (6c):

- (6a) *nork egin behar du lan?*
 who-Erg done must have work
 ‘Who must work?’ (Who must do work?)

- (6b) *nork egin du lan?*
 who-Erg done have work
 ‘Who has worked?’ (Who has done work?)
- (6c) *oso ondo egin duzu lan*
 very well done have-you work
 ‘You have worked *very well*’

Adicionalmente, Bobaljik (1993, p. 36) propõe duas subclasses de verbos inergativos em Basco. A primeira constitui-se de verbos simples como *amets* ‘sonhar’; *dantza* ‘dançar’; e *jaten* ‘comer’, os quais denotam que o verbo leve abstrato não tem realização na morfologia. A segunda compreende os inergativos que exibem o verbo leve como os exemplos de (5a) a (6c). Veja-se que os verbos inergativos no Basco (sem o verbo causativo) admitem um objeto cognato, o que nos permite classificá-los como transitivos, conforme ilustra o exemplo (7).

- (7) *emakumea-k dantza hau dantzatu du*
 mulher-ERG dançar esta dança AUX
 ‘The woman danced this dance’
 Uribe-Etxebarria (1989)

Por outro lado, diferentemente do que vimos para o Basco, no Esquimó, o argumento interno vem incorporado à raiz verbal, situação que revela que o verbo inergativo é derivado a partir da incorporação do objeto ao verbo transitivo. Nesses contextos, o argumento interno vem incorporado à raiz verbal, conforme podemos notar pelos exemplos de (8) a (10).

- (8) *Palasi niqi-tur-puq*
 minister.ABS meat-‘eat’- [-trans].3SA
 ‘The minister is eating/ate meat’
 Bobaljik (1993, p. 39)

- (9) *atkug-tur-tuq*
 parka-use/consume-[-trans].3sA
 ‘She is wearing a parka.’
 Yup’ik, Jacobson (1984, p. 576)
- (10) *ašš aš -š uq-puq*
 hand-use/consume-[-trans.1sA]
 ‘She is using her hands.’
 WG, Bergsland (1955, p. 98)

Tomando por base os dados das diferentes línguas apresentadas até aqui, consideraremos a inergatividade como um amplo fenômeno de diminuição de valência de verbos transitivos. Ou seja, admitiremos que a inergatividade é um fenômeno de diminuição do número de argumentos de um predicado, podendo ocorrer vários expedientes gramaticais para este fim.

Na próxima subseção, interessa-nos averiguar se, na língua Tenetehára, os inergativos se comportam como no basco ou como no esquimó.

3.2. INERGATIVIDADE EM TENETEHÁRA

Na língua Tenetehára, verifica-se que certos transitivos ao terem o seu objeto incorporado, tornam-se verbos inergativos, semelhantemente ao que acontece no esquimó. Por esta razão, esses verbos exibem o NP incorporado visivelmente no componente morfossintático, conforme podemos observar nos dados a seguir:

- (11a) *u-ʔi-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebe (água)”
 Harrison (2007)
- ↓
- (11b) *u-i-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebe (água)”
 Harrison (2007)

- (12a) *u-ma ʔe-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”
Harrison (2007)
- ↓
- (12b) *u-mai-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”
Harrison (2007)
- (13a) *u-po-ʔe*
3-mão-expressar
“(Ele) sacode (a mão)”
Harrison (2007)
- ↓
- (13b) *u-pu-ʔe*
3-mão-expressar
“(Ele) sacode (a mão)”
Harrison (2007)
- (14a) *o-po-kok*
3-mão-encostar
“(Ele) encosta/toca (com a mão)”
Harrison (2007)
- (15a) *u-pepo-zaʝ*
3-asa-abrir
“(Ele) abre (as asas)” (pássaro ou inseto)
- (15b) *wirahu* *u-pepo-zaʝ* *u-memɨr* *ʔaromo*
águia 3-asa-abrir 3-filho em cima de
“A águia abriu as asas em cima do filho”
Harrison (2007)
- (16a) *u-pina-etʃk*
3-anzol-jogar
“(Ele) joga anzol”
Harrison (2007)
- ↓
- (16b) *u-pina-itʃk*
3-anzol-jogar
“(Ele) joga anzol”
Harrison (2007)
- (16c) *u-pina-ʔo-na-ʔok*
3-anzol-puxar-anzol-puxar
“Ele puxa anzol”.
Harrison (2007)

- (17) *u-pira-poj*
 3-peixe-alimentar
 “(Ele) alimenta peixe”
 [Lit: “Ele pesca”] Harrison (2007)
- (18a) *u-piʔa-hiʔw*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpa tripa de animal”
 ↓ Harrison (2007)
- (18b) *u-pi-hiʔw*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpar tripa de animal” Harrison (2007)
- (19) *u-zuru-pʔer*
 3-boca-chupar
 “(Ele) chupa boca”
 [Lit: “Ele beija”] Harrison (2007)
- (20) *u-zuru-peka*
 3-boca-abrir
 “(Ele) dá bocejos”
 [Lit: “Está abrindo a boca”] Harrison (2007)
- (21) *u-tim-i-zeʔeŋ*
 3-lábio-falar
 “(Ele) assobia” Harrison (2007)

Os dados de (11) a (21) permitem observar que, em Tenetehára, o NP argumento interno do verbo transitivo de fato pode incorporar-se à raiz verbal, situação que dá sustentação adicional à hipótese da inergatividade, segundo a qual os inergativos são, ao final das contas, transitivos implícitos (Hale e Keyser, 1993). Com base nos exemplos apresentados acima, podemos propor que a existência de verbos inergativos em línguas como o Tenetehára está diretamente conectada com o

Veja que o verbo em (21a) figura como transitivo, selecionando dois argumentos, um interno e um externo, enquanto este mesmo verbo em (21b) e em (21c) aparece com o objeto incorporado, tornando-se, por isso, em um verbo inergativo, situação sintática que resulta em diminuição da valência do verbo *-hɨw*, o qual passa de transitivo a inergativo. Podemos observar também, em (21b) e (21c), a redução morfológica do objeto: $\{-pɨʔa\} > \{-pɨ\}$.

Na próxima seção, investigo o estatuto do prefixo causativo $\{mu-\}$ em Tenetehára. A tese que desenvolveremos é que este morfema tem a função de aumentar a valência dos verbos, podendo fazer com que um inergativo volte a ser transitivo novamente.

3.3. ESTATUTO DO PREFIXO CAUSATIVO $\{-mu\}$

Em Tenetehára, observa-se que, em princípio, verbos e nomes podem receber o prefixo causativo $\{mu-\}$. Este prefixo possui a propriedade de aumentar a valência de verbos inacusativos e descritivos, transformando-os em predicados transitivos. Para tanto, vejam-se as seguintes construções:

INACUSATIVO → TRANSITIVO

- (22a) *u-pirik*
 3-gotejar
 “(Algo) pinga”. Harrison (2007)
- (22b) *u-mu-pirik*
 3-CAUS-gotejar
 “(Alguém) faz (algo) borrifar/molhar com gotas”. Harrison (2007)

- (22c) *u-mu-pirik-pirik*⁷
 3-CAUS-gotejar-RED
 “(Alguém) faz (algo) borrifar” Harrison (2007)
- ↓
- (22d) *u-mu-piri-pirik*
 3-CAUS-gotejar-RED
 “(Alguém) faz algo borrifar”
- (23a) *w-apik*
 3-sentar
 “(Algo) sentou” Harrison (2007)
- (23b) *u-mu-apik*
 3-CAUS-sentar
 “Ele fez (a escrita) sentar (no papel)” Harrison (2007)
- (23c) *u-mu-apik* *teko wa n-emi-apo-kwer* *paw pape r-ehe*
 3-CAUS-sentar gente PL ABS-aquilo-fazer-PASS tudo papel C-PSP
 “Ele escreveu no papel tudo o que o povo tinha feito”
 Harrison (2007)
- NOME → DESCRITIVO**
- (24a) *i-ayaiw*
 3-magro
 “(Alguém) é magro” Harrison (2007)
- (24b) *u-mu-ayaiw*
 3-CAUS-magro
 “(Ele) fez (alguém) magro” Harrison (2007)
- (25a) *h-aku*
 3-quente
 “(Algo) está quente” Harrison (2007)
- (25b) *u-mu-aku*
 3-CAUS-quente
 “(Ele) fez (algo) ficar quente” Harrison (2007)

⁷ A diferença entre os exemplos (22b) e (22c) reside no fato de que a reduplicação agrega aspecto iterativo ao verbo em que ocorre.

- (25c) *u-mu-aku-putar* *ʔi* *nehe*
 3-CAUS-quente-DESID água FUT
 “(Ele) deseja fazer a água ficar quente” Harrison (2007)
- (26a) *i-purəŋ*
 3-bonito
 “(Ele) é bonito” Harrison (2007)
- (26b) *u-mu-murəŋ*
 3-CAUS-bonito
 “Ele deu carinho a alguém”
 [Lit.: “(Ele) fez alguém bonito”] Harrison (2007)

Além das construções de (22) a (26) acima, em que o prefixo causativo {*mu-*} aumenta a valência de verbos inacusativos e descritivos, existe ainda a possibilidade de este afixo co-ocorrer com um verbo inergativo, transitivizando-o, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

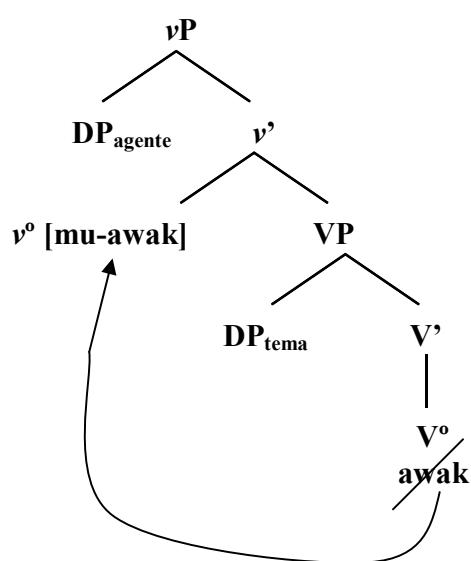
- (27a) *aʔe* *w-awak*
 3 3-acenar
 “Ele acena” Harrison (2007)
- (27b) *aʔe* *u-mu-awa-awak* *u-kwə*
 3 3-CAUS-acenar-RED CORR-dedo
 “Ele acenou o dedo”
 [Lit.: Ele fez o dedo (dele mesmo) acenar] Harrison (2007)

Notem que, no dado (27b), com a inserção do prefixo causativo {-*mu*}, o predicado torna-se transitivo necessitando então de um argumento interno, o qual neste caso corresponde ao DP *kwə* “dedo”. O verbo resultante é então reanalisado como transitivo. Tomando por base essas evidências, defenderemos a idéia de que o prefixo {-*mu*} corresponde ao verbo leve causativo cuja acepção é FAZER/CAUSAR.

Nesse sentido, sua função é alterar a valência de predicados (verbais e nominais), produzindo sempre um verbo transitivo.

Outra hipótese que levantaremos é que a natureza afixal do verbo leve representado pelo prefixo {*mu-*} obriga a elevação/incorporação do verbo lexical até o núcleo de *vP*, conforme mostramos pela representação sintática em (28)

(28)



Notem que a configuração sintática acima mostra que o Tenetehára realiza o verbo leve por meio de um morfema, diferentemente do que acontece no basco, no português e no inglês em que o verbo leve pode equivaler a um item lexical, conforme evidenciam os dados abaixo do Inglês, do Português e do Basco:

(29) *Paul **made** a race.*

(30) *Nik lan **egin** dut*
 I-Erg work done have-me
 'I worked' (I did work)

(31) *O menino **deu** uma risada.*

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Em Tenetehára, vimos que há certos inergativos que podem ser considerados como transitivos implícitos, pois são resultantes da incorporação do seu argumento interno ao verbo lexical, o que dá sustentação adicional à hipótese inergativa formulada por Hale e Keyser (1993); Bobaljik (1993) e Laka (1993). Além disso, propusemos que o prefixo causativo {*mu-*} pode ser interpretado como sendo a realização do verbo leve causativo no componente morfológico, cuja função principal é gerar verbos transitivos.

No capítulo seguinte, investigo o escopo do reflexivo {-*ze*} em contextos de incorporação nominal e em ambientes sintáticos sem a incorporação do objeto.

CAPÍTULO 4: ESCOPO DO REFLEXIVO {ZE-}

Neste capítulo procuraremos motivar que o prefixo {ze-}, quando figura em contextos de incorporação nominal, exige que o nome incorporado seja de natureza [+INALIENÁVEL]. Investigaremos também contextos em que este prefixo ocorre sem que haja a incorporação. A hipótese que desenvolveremos é de que a presença do prefixo {ze-} sem incorporação do objeto faz surgir a voz reflexiva.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira: na seção 4.1., desenvolvo uma análise na qual busco mostrar que o escopo do reflexivo {ze-}, figurando em contextos em que temos incorporação nominal, é capaz de revelar que um objeto incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL]; na seção 4.2., busco motivar que, quando o morfema {ze-} figura sem incorporação nominal, surge a voz reflexiva ou medial; na seção 4.3., apresento o resumo do capítulo.

4.1. ESCOPO DO REFLEXIVO {ZE-} EM CONTEXTOS DE INCORPORAÇÃO DO OBJETO

Em Tenetehára é possível que um verbo transitivo seja inergativizado. Nesse contexto, quando o objeto incorporado é de natureza [+INALIENÁVEL], aciona-se, em geral, o morfema reflexivo {ze-}, conforme se nota no exemplo (2).

TRANSITIVO

- (1) *u_i-mu-awa-mu-awak* *u_i-kwə* *aʔe*
3-CAUS-acenar-CAUS-RED CORR-dedo 3
“Ele acena o dedo (dele mesmo)”

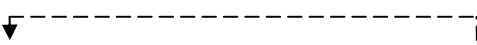
Harrison (2007)

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (2) *u-ze-kwə-mu-wa-mu-wak* *aʔe*
 3-REFL-dedo-CAUS-acenar-CAUS-RED 3
 “Ele fez sinal com a mão (sacudindo-a)”
 [Lit.: “Ele acenou o seu próprio dedo”] Harrison (2007)

Vejam que, em (2), há alteração de valência, uma vez que o NP *-kwə* “dedo” incorpora-se ao verbo transitivo *-awa-awak* “acenar”. O fato curioso é que, para incorporar-se, o objeto deve ser um NP_{nu}. Por esta razão, o argumento interno *u-kwə* “dedo dele” perde o prefixo correferencial {*u-*}. Este fato sinaliza que o argumento incorporado não pode carregar morfemas de concordância, nem apresentar determinantes, pois precisa ser um NP_{nu}.

Outro fato que chama atenção é que, quando o NP_{nu} se incorpora e constitui a posse inalienável⁸ do sujeito da sentença, é muito comum a ocorrência do morfema reflexivo {*ze-*}. A função gramatical deste reflexivo é denotar que o objeto incorporado é a posse inalienável do sujeito da sentença, o qual corresponde ao agente que executa a ação. A representação em (3) a seguir mostra o movimento do argumento interno para esquerda da base verbal.

- 
- (3) *u-ze-kwə-mu-wa-mu-awak* *t* *aʔe*
 3-REFLEX-dedo-CAUS-acenar-CAUS-acenar 3
 “Ele fez sinal com a mão (sacudindo-a)”
 [Lit.: “Ele acenou o seu próprio dedo”] Harrison (2007)

⁸ A *posse alienável* é direito de propriedade adquirido social e economicamente. Bens e propriedades comuns em um grupo social; por exemplo: casa, rio, bebida, comida e etc. Por outro lado, a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida; por exemplo: boca, nariz, pé, olho e etc.

Em suma, a derivação proposta em (3) sugere que a inserção do morfema reflexivo {ze-} é permitida apenas quando o NP incorporado for de natureza [+INALIENÁVEL] e constituir a posse de quem executa a ação. Para confirmar esta intuição, mostramos, a seguir, dados em que o NP objeto, que foi incorporado, deve ser de natureza [+INALIENÁVEL].

NP INCORPORADO DE NATUREZA [+INALIENÁVEL]

- | | | | | | |
|------|--|-----------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|-----------------|
| (4) | <i>u-ze-pí-api</i>
3-REFL-pé-acertar
“Eles iam tropeçando como bêbados” | <i>o-ho wa-iko</i>
3-ir PL-AUX | <i>u-kəwi-ʔu</i>
3-bebida-beber | <i>maʔe əi wə</i>
RELT como PL | Harrison (2007) |
| (5a) | <i>u-ze-eha-pími-pími</i>
3-REFL-olho-fechar-RED
“Ele piscou os olhos” | | | | Harrison (2007) |
| | ↓ | | | | |
| (5b) | <i>u-ze-a-pími-pími</i>
3-REFL-olho-fechar-RED
“Ele piscou os olhos” | | | | Harrison (2007) |
| (6) | <i>u-ze-əmutaw-pin</i>
3-REFL-barba-raspar
“Ele raspou a própria barba”
[Lit. Ele se barbeou] | | | | Harrison (2007) |
| (7a) | <i>u-ze-əkəŋ-muŋuʝ</i>
3-REFL-cabeça-pentear
“Ele penteou a cabeça dele mesmo”
[Lit. Ele se penteou] | | | | Harrison (2007) |
| | ↓ | | | | |
| (7b) | <i>u-ze-əkə-muŋuʝ</i>
3-REFL-cabeça-pentear
“Ele penteou a cabeça dele mesmo”
[Lit. Ele se penteou] | | | | Harrison (2007) |

Observe-se que os NPs_{nus} *-pi* ‘pé’ em (4), *-eha* ‘olho’ em (5a), *-mutaw* ‘barba’ em (6) e *-akəŋ* ‘cabeça’ em (7a), co-ocorrem com o morfema reflexivo. Ou seja, a presença do prefixo reflexivo nos exemplos de (4) a (7) assinala o fato de o NP incorporado ser de natureza [+INALIENÁVEL]. A comparação entre os contextos nos quais ocorre o morfema {ze-}, por um lado, e os contextos em o que este prefixo não ocorre, por outro lado, parece confirmar que a função gramatical deste reflexivo é realmente denotar que o objeto incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL] e é a posse inerente do sujeito da sentença. Com o intuito de confirmar esta hipótese, arrolamos, a seguir, dados em que o NP objeto é de natureza [-INALIENÁVEL].

NP INCORPORADO DE NATUREZA [-INALIENÁVEL]

- (8a) *tuweharupi u-maʔe-ʔu kuzəi hɪ-əpuʃ me*
 sempre 3-coisa-ingerir mulher POSS-casa em
 Ele sempre comeu na casa da mulher.
 ↓ Harrison (2007)
- (8b) *tuweharupi u-mai-ʔu kuzəi hɪ-əpuʃ me*
 sempre 3-coisa-ingerir mulher POSS-casa em
 Ele sempre comeu na casa da mulher.
 Harrison (2007)
- (9a) *u-ʔi-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebeu (água)”
 ↓ Harrison (2007)
- (9b) *u-i-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebeu (água)”
 Harrison (2007)
- (10) *a-ɪwɪkəŋ*
 1-terra-cavar
 “(Eu) cavo (terra)”
 Boudin (1966, p. 100) Vol. I

Veja que os NPs_{mus} *-ma?e* ‘coisa’ em (8a); *-?i* ‘água’ em (9a) e *-iwi* ‘terra’ em (10) não co-ocorrem com o morfema reflexivo. Ou seja, a ausência do morfema reflexivo {ze-} nestes três últimos exemplos aponta para o fato de o NP incorporado possuir natureza [-INALIENÁVEL].

A comparação entre os contextos nos quais ocorre o morfema {ze-}, por um lado, e os contextos em o que o morfema reflexivo não ocorre, por outro, dá sustentação adicional para a hipótese de que a função deste reflexivo é realmente denotar que o objeto incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL] e é a posse do sujeito da sentença. Com base nestas observações, proporemos o filtro em (11) a seguir:

(11) **FILTRO DE OCORRÊNCIA DO PREFIXO {-ZE}**

Só poderemos ter co-ocorrência do prefixo {ze-} com o objeto incorporado, se e somente se, este NP incorporado for dotado de natureza [+INALIENÁVEL] e for a posse inerente do sujeito da sentença.

Na seção seguinte analisaremos o escopo do morfema {ze-} em contextos nos quais não ocorre a incorporação do objeto.

4.2. ESCOPO DE {ze-} EM CONTEXTOS EM QUE NÃO HÁ INCORPORAÇÃO DO OBJETO

Podem ocorrer ainda situações nas quais o morfema reflexivo {ze-} indica que o objeto e o sujeito são co-referentes. O prefixo {ze-} nestes contextos equivale a um item anafórico o qual está sujeito ao princípio A da Teoria de Ligação⁹. Para comprovar essa intuição, arrolamos os exemplos de (12) a (14) em que o prefixo {ze-} precisa ter como seu referente o sujeito da sentença.

- (12) *aʔe_i u-ze_i-pin*
3 3-REFL-raspar
“Ele se raspa”
[Lit. Ele faz a barba] Harrison (2007)
- (13) *teko_i u-ze_i-mo-no ʔoŋ he-r-əpɨj pɨpe*
gente 3-REFL-CAUS-ajuntar minha-POSS-casa dentro de
“A gente se ajunta dentro da minha casa”
Boudin (1966, p. 197) Vol. I
- (14) *aʔe_i re u-ze_i-ʔazuwɨk kurɨ*
3 depois 3-REFL-enforçar então
“Depois ele se enforcou” Harrison (2007)

Os exemplos de (12) a (14) apontam para o fato de que a presença do prefixo {ze-} faz emergir o equivalente à voz reflexiva.

Desta forma, ao observarmos os dados lingüísticos de (12) a (14), podemos notar que não temos a presença de um objeto incorporado, porque o prefixo {ze-} indica que o sujeito e o objeto devem ser co-referentes.

⁹ No âmbito da Teoria Gerativa “*uma anáfora tem que estar vinculada em seu domínio de vinculação*” (Miotto 2004, p. 229) ou “*An anaphor must be bound in a local domain*” (Chomsky 1995, p. 96).

4.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Mostramos neste capítulo que a função gramatical do prefixo {*ze-*}, quando ele co-ocorre com o objeto incorporado, é denotar que este objeto incorporado deve ser de natureza [+INALIENÁVEL] e deve ser a posse do sujeito da sentença. Buscamos, ainda, motivar a hipótese de que a manifestação do morfema reflexivo {*ze-*}, em contextos de não incorporação, faz surgir a voz medial ou reflexiva.

No capítulo que se segue, concentramo-nos na análise do sufixo {-*har*} como diagnóstico de inacusatividade.

CAPÍTULO 5: PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DOS VERBOS INACUSATIVOS

Este capítulo tem por objetivo mostrar que verbos inacusativos, ao contrário dos verbos inergativos e transitivos, parecem não figurar com o sufixo {-har}. Ou seja, a hipótese é a de que o comportamento morfo-semântico deste sufixo nos servirá como diagnóstico para identificarmos quando determinado verbo monoargumental pertence à classe dos inacusativos ou não.

O capítulo está organizado em cinco seções, a saber: nas seções 5.1. e 5.2., acompanhando intuições de Levin & Rappaport (1985), Permuter, (1983), Alexiadou, Anagnostopoulou e Everett (2004), Adger (2003) e Radford (2003), arrolamos as características dos verbos inacusativos e listamos alguns fenômenos interlingüísticos na finalidade de tornar notórias as propriedades morfosintáticas dos verbos inacusativos; na seção 5.3., investigamos o comportamento do sufixo agentivo nominalizador {-har}, levantando a possibilidade de este sufixo servir como um diagnóstico para distinguirmos a classe dos verbos inacusativos da classe dos inergativos/transitivos; na seção 5.4., apresentamos o resumo do capítulo.

5.1. PROPRIEDADES DOS VERBOS INACUSATIVOS

No âmbito da gramática gerativa, os verbos intransitivos são subdivididos em duas classes distintas de verbos, a saber: a classe dos inacusativos e a dos inergativos.

Esta distinção é diretamente determinada pela semântica dos dois tipos de verbos, fato que levou Levin & Rappaport (1985, p. 4) a proporem o seguinte:

“Thus, although the Unaccusative Hypothesis claims that the distinction between the two classes of verbs is syntactically represented, it was originally assumed that the distinction is fully semantically determined”.

Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (2004, p. 12-13) listam 5 categorias de verbos que tendem a fazer parte da classe dos inacusativos:

(a) predicados realizados por meio de adjetivos, os quais denotam tamanhos, formas, pesos, cheiros como, por exemplo, *pequeno, grande, redondo, azedo, etc.*

(b) predicados em que o único argumento nuclear é semanticamente um DP_{paciente}. O núcleo destes predicados costuma vir realizado por verbos como *queimar, cair, deixar cair, afundar, flutuar, tremer, agitar, derreter, congelar-se, evaporar, solidificar, cristalizar, avermelhar, escurecer, etc.*

(c) predicados que designam eventos, tais como *existir, faltar, sobrevir, correr, acontecer, etc.*

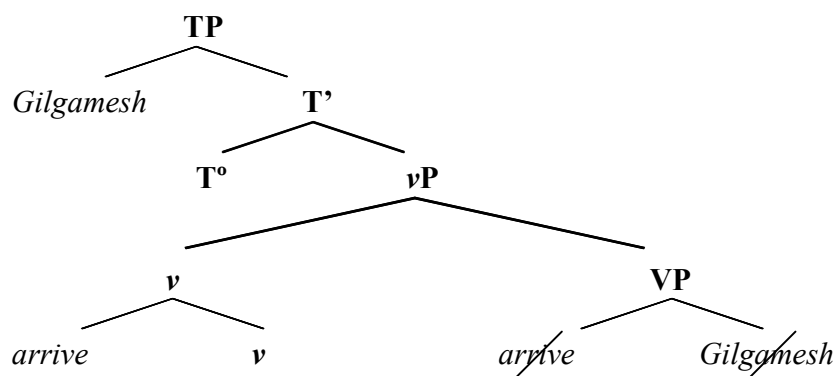
(d) verbos monoargumentais que denotam emissão involuntária de estímulo ao seu único argumento nuclear, como, por exemplo, *brilhar, incandescer, ressoar, estalar, cheirar, aguilhoar, etc.*

(e) predicados que estabelecem com seu único argumento relações aspectuais incoativas, cursivas ou terminativas, como *iniciar*, *começar*, *continuar*, *parar*, *cessar*, *etc.*

Conforme Adger (2003, p. 223), verbos inacusativos s-selecionam um DP_{tema} , o qual, no decorrer da derivação, será alçado para a posição de SPEC-TP, local em que receberá o Caso nominativo tornando-se, por isso, o sujeito da sentença.

O fato de este DP_{tema} não receber Caso acusativo do núcleo v^o , mas, ao contrário, receber Caso nominativo do núcleo funcional T, numa relação SPEC-HEAD, foi o que motivou a denominação verbo inacusativo. A derivação abaixo ilustra o que acabamos de afirmar sobre a atribuição de Caso estrutural ao único argumento nuclear do verbo inacusativo.

(1) *Gilgamesh arrives.*



Pela derivação acima, nota-se que os verbos inacusativos são defectivos no sentido de não estarem aptos a atribuírem Caso acusativo, diferentemente do que ocorre com os verbos transitivos que, em geral, podem atribuir o Caso acusativo. O único argumento do verbo *arrives* recebe Caso nominativo do núcleo T^o , e não o

Caso acusativo do núcleo v^o , pelos seguintes motivos: (a) o argumento do verbo inacusativo deverá ser alçado à posição de SPEC-TP, a fim de satisfazer o traço EPP¹⁰ e (b) o núcleo T^o possui um traço de Caso nominativo a atribuir. Deste modo, uma operação AGREE ocorre entre o DP_{tema} e o núcleo T^o , mecanismo que apaga o traço ininterpretável de Caso do DP.

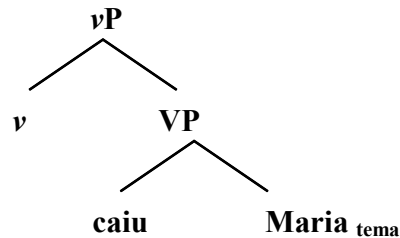
O fato de os predicados inacusativos não projetarem um especificador na posição de agente é especialmente importante para a presente análise, visto que o único argumento dos verbos inacusativos em Tenetehára recebe o papel temático TEMA. Por esta razão, os verbos inacusativos são considerados defectivos devido ao fato de não projetarem um lugar para a posição normalmente ocupada pelo DP_{agente} , i.e., SPEC- vP . É esta propriedade que nos permitirá desenvolver o diagnóstico de inacusatividade que será proposto na seção 5.3..

Segundo Adger (2003, p. 140), verbos como *cair* podem ser parafraseados como “X sofre um evento de *cair*”. Observem que o verbo “*cair*” é inacusativo, porque o seu único argumento nuclear é interpretado como TEMA/AFETADO/PACIENTE. A estrutura sintática a seguir mostra a configuração abstrata do verbo inacusativo ‘cair’.

¹⁰ Consoante Chomsky (1995 p. 55), “*The Extended Projection Principle (EPP) states that [Spec, IP] is obligatory, perhaps as a morphological property of I or by virtue of the predicational character of VP.*”

INACUSATIVO

(2) Maria caiu.



Na próxima seção, o objetivo é mostrar diagnósticos de inacusatividade em várias línguas.

5.2. DIAGNÓSTICOS DE INACUSATIVIDADE

A hipótese da inacusatividade foi primeiramente proferida por Perlmutter (1978). Desde então, inúmeros fenômenos interlingüísticos têm sido estudados no intuito de tornarem mais evidentes as propriedades morfossintáticas dos verbos inacusativos. Estes fenômenos têm sido conhecidos como *diagnósticos de inacusatividade*. Conforme veremos, são esses testes que nos permitem observar uma enorme semelhança entre os verbos inacusativos nas línguas naturais, sugerindo, com isso, uma possível universalidade nas propriedades morfossintáticas que tais verbos apresentam. Por isso, o objetivo desta seção é retomar alguns desses testes, a saber, (i) a possibilidade de ocorrência de sujeitos pós-verbais em Inglês; (ii) o uso adjetival de formas de particípio absoluto/perfectivo em Inglês; (iii) a ocorrência de sujeitos imperativos pós-verbais no Inglês de *Belfast*; (iv) o clítico *ne* em Italiano e (v) o dativo de posse em Hebraico.

Começemos, então, com o teste sobre a posição que o sujeito, em geral, pode ocupar em sentenças inacusativas no Inglês.

5.2.1. SUJEITOS PÓS-VERBAIS EM INGLÊS

Observa-se que os verbos do Inglês nos exemplos em (3), selecionam DP_{temas} e, por isso, podem apresentar sujeitos pós-verbais, enquanto verbos que selecionam DP_{agente} não permitem a posposição do sujeito, conforme se vê nos exemplos em (4)

INACUSATIVOS

- (3) (a) There arose *an unfortunate misunderstanding*
(b) There came *a cry of anguish* from inside the house
(c) There appeared *a ghostly face* at the window
(d) There could have occurred *a diplomatic incident*
(e) In front of the house, there stands *a statue of General Ghouly*

INERGATIVOS

- (4) (a) *When the British Rail snail arrived five hours late, there *complained* many passengers
(b) *In the dentist's surgery, there *groaned* a toothless patient
(c) *Every time General Wynott Nukem goes past, there *salutes* a guard at the gate.
(d) *There *waved* Wee Willie Widget at the window
(e) *There has *apologized* Major Muddle for his minor indiscretions

A seguir, apresentamos o teste com o participio absoluto¹¹.

¹¹ Em Português, o participio absoluto tem esta denominação devido a não possuir verbo auxiliar, o que contrasta com, por exemplo, participios com formas auxiliares tais como *tenho lido*, *havia feito* etc. O participio absoluto/perfeito em Português exprime, fundamentalmente, o estado resultante de uma ação acabada.

5.2.2. PARTICÍPIO ABSOLUTO EM INGLÊS

Outra diferença entre predicados inacusativos e transitivos/inergativos está relacionada com o uso adjetival de suas formas de particípio perfectivo no Inglês. Nos exemplos de (5), fica claro que formas de particípio perfectivo de verbos inacusativos podem ser usadas adjetivamente (para modificar um nome). Em contraste, a agramaticalidade dos exemplos de (6) revela que formas de particípio absoluto de verbos transitivos e inergativos não podem ser usadas da mesma forma que os inacusativos.

INACUSATIVOS

- (5) (a) The train *arrived* at platform 41 is the 8.28 for London Euston
(b) They arrested a business man recently *returned* from Thailand
(c) Several facts recently *come* to light point to the guilt
(d) A number of objects *gone* from the church were found in his house
(e) OJ is something of a *fallen* hero

INERGATIVOS

- (6) (a) *The man *committed* suicide was a neighbour of mine
(b) *The thief *stolen* the jewels was never captured
(c) *The man *overdosed* was Joe Doe
(d) *The *yawned* student fell asleep in class

Na próxima seção, mostro o teste com sujeitos imperativos no Inglês de Belfast.

5.2.3. SUJEITOS IMPERATIVOS NO INGLÊS DE BELFAST

Nota-se que, no dialeto do Inglês de *Belfast* (Radford 2003, p. 212), verbos inacusativos podem ser usados com sujeitos pós-verbais (em itálico) em estruturas inacusativas imperativas, como mostram os exemplos de (7) a seguir. Inversamente, verbos inergativos ou transitivos não permitem sujeitos imperativos pós-verbais, de forma que os dados em (8) são agramaticais.

- (7) (a) Be going *you* out of the door when he arrives!
(b) Leave *you* now!
(c) Arrive *you* before 6 o'clock!
- (8) (a) *Read *you* that book!
(b) *Eat *you* up!
(c) *Always laugh *you* at his jokes!

Além dos diagnósticos de inacusatividade acima, apontamos, em seguida, mais alguns outros relacionados pela literatura pertinente.

5.2.4. O CLÍTICO *ne* EM ITALIANO

Outro diagnóstico bastante relatado na literatura gerativista se refere ao escopo do clítico partitivo “*ne*” no Italiano. Nesta língua, alguns argumentos podem vir pronominalizados por meio do clítico “*ne*”, quando figuram em sintagmas partitivos. Esse clítico pode operar sobre o argumento interno, ou seja, sobre sujeitos

de inacusativos e objetos de transitivos, conforme mostro nos exemplos de (9) e (10) a seguir.

(9) *Giovanni ne ha insultati due.*
 John of them has insulted two
 “Giovanni insultou dois deles” Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (2004, p. 6).

(10) *Ne arrivano molti.*
 of them arrive many Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (2004, p. 6).
 “Muitos deles chegaram”

Os verbos inergativos, por sua vez, não permitem a pronominalização com o clítico *ne* em sintagmas partitivos, conforme o dado em (11).

(11) **ne telefonano molti.*
 of them telephone many Alexiadou, Anagnostopoulou e Everaert (2004, p. 6).
 “Muitos deles telefonaram”

5.2.5. O DATIVO DE POSSE EM HEBRAICO

Mais um diagnóstico também muito relatado na literatura refere-se ao dativo de posse em Hebraico. Nesta língua, uma maneira de se denotar posse é por meio de um elemento preposicional *le*, usualmente designado dativo de posse. Nos exemplos em (12) e (13) abaixo, nota-se que o dativo de posse é incapaz de ter escopo semântico sobre o sujeito de um verbo transitivo. Desta forma, o DP possuído só pode ser uma entidade que foi gerada como argumento interno, ou seja, *the fence* em (12) e *the piano* em (13).

(12) *Le-mi ha-yeladim xatxu ‘et ha-gader*
 To-who the-boys cut ACC the-fence
 “Whose fence did the boys cut?”
 “*Whose boys cut the fence” Adger (2003, p. 227)

dos inergativos, o intuito é, então, identificar se há algum diagnóstico na língua Tenetehára.

5.3. O ESCOPO MORFO-SEMÂNTICO DO SUFIXO {-har}

Na língua Tenetehára, observa-se que o sufixo {-har} pode nominalizar verbos a partir de substantivos e possui propriedades morfo-semânticas muito similares as do sufixo derivacional {-*(d)or*} em Português. Para tanto, vejamos os seguintes exemplos:

- (16) O *cantor* foi aclamado. (cantar).
- (17) O *lutador* chegou ontem. (lutar)
- (18) O homem era um *falador*. (falar)

Semelhantemente ao que acontece com o sufixo {-*(d)or*}, o qual forma nomes agentivos a partir de verbos, conforme cantar > cantor; lutar > lutador; falar > falador etc., o sufixo {-har}, em Tenetehára, pode também criar nomes agentivos a partir de verbos (transitivos e inergativos) de ação. Para tanto, notem os exemplos a seguir:

TRANSITIVOS ATIVOS

- (19a) *u-zapo*
3-fabricar
“(Ele) fabrica (algo)” Harrison (2007)

- (19b) *h-aŋapaw* *i-apo-katu-har*
3-imagem ABS-fazer-bem-NOML
“Escultor, pessoa que faz esculturas (em madeira)” Harrison (2007)

(20a) *u-zuka*
3-matar
“(Ele) mata (algo)” Harrison (2007)

(20b) *i-zuka-har*
ABS-matar-NOML
“(ele), o assassino” Harrison (2007)

INERGATIVOS

(21a) *u-purakɨ*
trabalhar
“(Ele) trabalha”.

(21b) *i-purakɨ-har*
ABS-trabalhar-NOML
“(ele), o trabalhador”.

(22a) *w-ata*
3-caminhar
“(Ele) caminha”. Harrison (2007)

(22b) *i-ata-har*
ABS-caminhar-NOML
“(ele), o caminhante, pessoa que caminha muito”. Harrison (2007)

(23a) *aʔe* *u-ʔɨaw*
ele 3-nadar
“Ele nada”.

(23b) *i-ʔɨaw-har*
ABS-nadar-NOML
“(ele), o nadador”.

(24a) *u-meno*
fornicar
“Ele fornicar”. Boudin (1966, p. 132) Vol. I

(24b) *(i)-meno-har*
ABS-fornicar-NOML
“(ele), o fornicador”. Boudin (1966, p. 132) Vol. I

- (25) *(i)-zuk#-apo-har*
ABS-sal-fabricar-NOML
“salineiro” Boudin (1966, p. 33) Vol. I
- (26) *(i)-hapukaj-har*
ABS-gritar-NOML
“Aquele que levanta a voz, que fala gritando” Boudin (1966, p. 55) Vol. I
- (27) *h-#w#kəj-har*
ABS-terra-cavar-NOML
“(ele), o cavador” Boudin (1966, p. 63) Vol. I
- (28a) *karuwar*
feitiço/caruara/força maléfica inerente a cada vivo
“Feitiço” Boudin (1966, p. 98) Vol. I
- (28b) *(i)-karuwar-apo-har*
feitiço-fazer-NOML
“(ele), o feiticeiro”

Nota-se que o sufixo {-har}, nos exemplos de (19) a (28) acima, ocorre apenas com verbos de ação (transitivos e inergativos). Com base nesses dados, levantaremos a hipótese de que o sufixo {-har} funciona como um afixo que possui a função¹² de criar nomes deverbais agentivos a partir de verbos de ação, havendo, desta forma, derivação de nomes deverbais agentivos, processo muito semelhante ao que se vê nos dados de (16) a (18) do PB. Isto é muito sugestivo e aponta para o fato de que este sufixo possivelmente ocorre com verbos de ação para criar nomes agentivos.

De forma contrária, uma hipótese plausível é de que o sufixo {-har} não irá figurar com verbos inacusativos para codificar acepção agentiva. Tal intuição fica particularmente assentada pelo fato de que verbos como *-ʔur* ‘cair’, *-hem* ‘chegar’,

¹² A análise sobre os outros contextos de ocorrência sufixo {-har} será fornecida no Cap. 6.

e *-zep#hɔ* ‘crescer’ não aceitam a nominalização por meio deste sufixo. Essa intuição é confirmada porque as nominalizações nos exemplos em (b) abaixo não foram bem aceitas quando testadas com nosso informante.

INACUSATIVOS

- (29a) *u-ʔar*
ele-cair
“Ele cai”
- (29b) **i-ʔar-har*
ABS-cair- NOML
“O caidor”
- (30a) *u-hem*
ele-chegar
“Ele chega”
- (30b) **i-hem-har*
ABS-chegar-NOML
“O chegador”
- (31a) *u-zep#hɔ*
3-crescer
“Ele cresce”
- (31b) **i-zep#hɔ-har*
ABS-crescer-NOML
“O crescedor”

Conforme indica a agramaticalidade nos exemplos de (29b) a (31b), nota-se que o sufixo {-har} não pode figurar com verbos inacusativos. Tal agramaticalidade pode estar conectada com o fato de tais verbos não selecionarem um DP_{agente} e com o fato de o sufixo {-har} denotar a acepção [+AGENTIVA].

Em suma, tomando por base o contraste entre os dados de (19) a (28), por um lado, e os dados de (29) a (31), por outro, a hipótese que assumiremos é a de que o sufixo {-har} só poderá ter a acepção [+AGENTIVA], quando vier nominalizando verbos de ação, mais especificamente verbos inergativos e transitivos de ação. Dessa maneira, verifica-se que o escopo de ocorrência do sufixo {-har}, nos dados apresentados até aqui, poderá constituir um interessante diagnóstico morfo-semântico para distinguirmos quando um determinado verbo monoargumental será inacusativo¹³ ou inergativo no Tenetehára. Com base nessas intuições, proporei o seguinte filtro de inacusatividade, o qual se baseia no escopo morfo-semântico do sufixo {-har}, a saber:

(32) **FILTRO DA INACUSATIVIDADE**

- (i) *Um determinado verbo monoargumental pertencerá à classe dos inacusativos, se e somente se, ele não puder vir nominalizado pelo sufixo {-har}.*
- (ii) *Um determinado verbo monoargumental pertencerá à classe dos verbos de ação, se e somente se, ele puder vir nominalizado pelo sufixo {-har}.*

¹³ Estamos assumindo neste trabalho que verbos inacusativos equivalem, ao final das contas, àqueles verbos monoargumentais que não selecionam um DP_{agente} e que, em geral, não atribuem caso acusativo/absolutivo.

5.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, analisamos escopo do sufixo agentivo {-har} em Tenetehára. A hipótese assumida é a de que um determinado verbo mono-argumental será inergativo se puder co-ocorrer com o sufixo {-har}, por outro lado, ele será inacusativo, se não puder co-ocorrer com este sufixo. A seguir, no próximo capítulo, apresento outros contextos morfossintáticos em que sufixo {-har} pode ocorrer em Tenetehára.

CAPÍTULO 6: PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DO SUFIXO {-HAR} EM TENETEHÁRA

Este capítulo tem por finalidade a análise dos outros contextos morfossintáticos em que o sufixo {-har} pode figurar em Tenetehára. O que se observa é que este afixo, além de criar nominalizações a partir de bases simples, pode sim juntar-se a sintagmas posposicionais, doravante PSPs, e a sentenças, doravante C/IPs.

Uma questão teórica que o comportamento do sufixo {-har} traz para nossa análise tem a ver com a Hipótese Lexicalista forte de Chomsky (1970), segundo a qual todo processo formação de palavras se dá ao nível lexical. Contudo, as nominalizações de PSPs e IPs parecem trazer um problema para esta teoria, visto que o sufixo {-har} permite formação de palavras também ao nível do componente sintático da gramática. Desta forma, este capítulo tem como objetivo adicional propor que talvez a Hipótese Lexicalista, conforme fora formulada por Chomsky, tenha de ser ajustada para dar conta do escopo do sufixo {-har}.

O capítulo está organizado em seis seções, a saber: na seção 6.1., tratamos do processo de formação de palavras em português; na seção 6.2., apresentamos, de forma mais específica, processos derivacionais de nomes em português e em Tenetehára. Tal análise tem como objetivo demonstrar que em Tenetehára existem

também possibilidades de derivação por meio do sufixo {-har}, o que nos permite fazer uma comparação direta entre as duas línguas; na seção 6.3., arrolamos dados de nominalizações em Tenetehára; na seção 6.4., examinamos nominalizações de bases complexas, a saber, PSPs e C/IPs. Assumiremos a hipótese de que há sim formação de palavras no nível sintático e não apenas no nível morfológico; na seção 6.5., apresentamos o resumo do capítulo.

6.1. PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Segundo Laroca (2005, p. 72), os principais e mais produtivos processos de formação de palavras são a derivação e a composição. A derivação, segundo a autora, pode ser prefixal, sufixal ou parassintética, conforme a seguir:

- (1) derivação prefixal → prefixo + palavra-base
superfaturar, pós-guerra, anti-aids
- (2) derivação sufixal → sufixo + palavra-base
fraudador, funkeiro, besteiro
- (3) derivação parassintética → prefixo + palavra-base + sufixo
empobrecer, engordar, engavetar

Consoante Basílio (1991, p. 26), “a derivação é um processo de formação de palavras que se caracteriza pela junção de um afixo a uma base”. O vocábulo criado por meio desse processo é uma palavra derivada, como em *livreiro* (livro + eiro), *lavável* (lava + vel), *reler* (re + ler). A base de uma forma derivada, em geral, é uma

forma livre, como verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, mas também podemos ter derivação a partir de bases presas como em *psicológico*.

Já o processo de composição é caracterizado pela união de duas bases como, por exemplo, *guarda-chuva* (guarda + chuva) e *sociolinguístico* (sócio + linguístico). A diferença mais determinante entre derivação e composição consiste em que a derivação é realizada quando utilizamos uma base mais um afixo, enquanto a composição é feita com a junção de dois elementos estáveis. Conforme Basílio (2004, p. 30), outra diferença observável é que a derivação cria generalidades e existe uma previsibilidade, pois que existe uma significação que não será, via de regra, alterada. Também na derivação o lexema criado tem o seu significado muito perto do item do qual ele é oriundo, conforme se vê nos seguintes exemplos.

- (4) feijo(ada)
- (5) camaro(ada)
- (6) dent(ista)

Por sua vez, na composição é imprevisível o resultado, uma vez que esta estratégia de formação de palavras está subordinada a propriedades específicas de cada caso, o que depende das especificidades que se fizerem necessárias. Adicionalmente, observa-se que, na composição, temos formas desligadas do significado estrito de seus componentes, ou seja, configurações nas quais não se pode inferir o objeto a partir do nome que o especifica. Mais precisamente, cada radical pertencente à nova palavra criada na composição possui uma semântica que, de forma geral, não é recuperada no novo item criado, conforme sugerem os exemplos a seguir:

- (7) guarda-vestido
- (8) olho-de-sogra
- (9) louva-a-deus

Tomando por base essas considerações iniciais sobre o processo de formação de palavras, concluímos que, enquanto a derivação se dá no componente morfológico da gramática, a composição parece se realizar sintaticamente¹⁴. Conforme veremos mais adiante, há um processo morfológico na língua Tenetehára que sinaliza para o fato de que a derivação pode dar-se não só no componente morfossintático, mas também no componente sintático da gramática. Nesta língua, existe um processo de nominalização que se dá por meio do acréscimo do sufixo {-har} a uma base simples ou a constituintes complexos, podendo ocorrer, nestes últimos casos, nominalizações de sintagmas posposicionais e de C/IPs. Na próxima seção, apresentamos os dados lingüísticos relevantes para a análise teórica que será desenvolvida.

6.2. DERIVAÇÃO EM PORTUGUÊS E EM TENETEHÁRA

É muito comum encontrarmos na língua Portuguesa a formação de nominalizações a partir de verbos transitivos (ativos), de verbos inergativos, de inacusativos e de adjetivos, conforme ilustram os exemplos abaixo.

¹⁴ Para Basílio (*op. cit.*: 33), "*composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais*". Por exemplo, em porta-bandeira, o segundo elemento funciona como objeto direto do primeiro.

**(a) DERIVAÇÃO¹⁵ DE NOMES AGENTIVOS A PARTIR DE VERBOS
TRANSITIVOS ATIVOS**

- (10) O *matador* foi condenado. (matar)
- (11) Os *atiradores* estão com seus dias contados. (atirar)
- (12) Aqueles *compradores* receberam um prêmio no sorteio. (comprar)

(b) DERIVAÇÃO DE NOMES AGENTIVOS A PARTIR DE VERBOS INERGATIVOS

- (13) O *cantor* foi aclamado. (cantar)
- (14) O *corredor* treinou por toda vida. (correr)
- (15) O homem era um *falador*. (falar)

(c) DERIVAÇÃO DE NOMES EVENTIVOS A PARTIR DE VERBOS INACUSATIVOS

- (16) A *ida* dos índios para a cidade. (ir)
- (17) A *chegada* de Roberto. (chegar)
- (18) O *nascimento* da criança trouxe uma grande alegria. (nascer)

(d) DERIVAÇÃO DE NOMES ABSTRATOS A PARTIR DE ADJETIVOS

- (19) A *beleza* é fundamental. (belo)
- (20) O sentimento de amor é uma *grandeza* do ser humano. (grande)
- (21) O pai é a *fortaleza* da criança. (forte)

Semelhantemente ao que acontece nos dados do português acima, encontramos, na língua Tenetehára, nominalizações a partir de adjetivos, de nomes, de verbos e até mesmo de advérbios, envolvendo o sufixo {-har}. Tal sufixo, geralmente, fornece a acepção [+AGENTIVA], quando o item a que se junta é um verbo

¹⁵ Apesar de Basílio (*op. cit*) dizer que o nome mais apropriado para derivações em que há mudança na classe de palavras seja conversão, optamos por conservar o nome derivação devido à ampla utilização do termo na literatura técnica.

(transitivo ativo ou inergativo), o qual em geral denota uma ação. Nas próximas seções, apresentamos os dados relevantes de cada nominalização.

6.3. NOMINALIZAÇÕES POR MEIO DO SUFIXO {-har}:

Conforme foi mostrado no capítulo 5, nota-se que, em geral, o sufixo {-har} fornece a acepção [+AGENTIVA] quando se junta a bases verbais (transitivas e inergativas). Além desses contextos, este sufixo pode derivar nomes a partir de advérbios, conforme ilustram os exemplos abaixo.

VERBOS TRANSITIVOS DE AÇÃO

- (22a) *u-_iapo*
3-fazer
“(Ele) faz (algo)”
- (22b) *i-_iapo-har*
ABS-fazer-NOML
“O fabricante de algo”.
- (23a) *w-_iapi*
3-atirar
“(Ele) atira (em algo)”.
- (23b) *i-_iapi-har*
ABS-atirar-NOML
“O atirador de algo, aquele que tem boa pontaria”.
- (24a) *u-_izuka*
3-matar
“(Ele) mata (algo)”.
- (24b) *zawar i-_iuka-har*
onça ABS-matar-NOML
“Matador dela, a onça”.

VERBOS INERGATIVOS

- (25a) *w-ata*
3-caminhar
“(Ele) caminha”.
- (25b) *i-ata-har*
ABS-caminhar-NOML
“ele, o caminhante”.
- (26a) *u-purakɨ*
3-trabalhar
“(Ele) trabalhar”.
- (26b) *i-purawkɨ-har*
ABS-trabalhar-NOML
“ele, o trabalhador”.
- (27a) *u-ʔɨaw*
3-nadar
“(Ele) nada”.
- (27b) *i-ʔɨaw-har*
ABS-nadar-NOML
“ele, o nadador”.
- (28a) *u-meno*
3-fornicar
“(Ele) fornicar”.
- (28b) *i-meno-har*
fornicar-NOML
“ele, o fornicador”.

ADVÉRBIOS

- (29a) *ɨwate*
alto
“Acima de, a parte de cima”.
- (29b) *ɨwate-har*
alto-NOML
“Celeste, aquele (aquilo) que é do céu”.

Boudin (1966, p. 136)

- (30a) *kwehe*
PASS
“Passado remoto”.
- (30b) *kwehe-har*
PASS-NOML
“Os antigos, os índios Tenetehára de tempos remotos”.
- (31a) *se*
aqui
“Aqui”. Boudin (1966, p. 93) Vol. I
- (31b) *se-har*
aqui-NOML
“Morador daqui, indígena”. Boudin (1966, p. 93) Vol. I

Além das situações arroladas acima, o sufixo *{-har}* pode ainda nominalizar um sintagma posposicional e até mesmo toda uma oração, conforme vemos nos dois conjuntos de dados abaixo.

NOMINALIZAÇÃO DE PSPS

- (32a) *pí r-ehe*
pé OBLIQ-PSP
“Do/em/que tem a ver com pé”. Harrison (2007)
- (32b) *pí r-ehe-har*
pé OBLIQ-PSP-NOML
“**Calçado, sapato, tamanco**”.
[Lit: “Relativo aos pés”]. Boudin (1966, p. 200) Vol. I
- (32c) *he pí r-ehe-har*
meu pé OBLIQ-PSP-NOML
“Meu sapato.”
- (33a) *íwí r-upi*
terra C-PSP
“Por terra”. Boudin (1966, p. 87) Vol. I

- (33b) *áwí r-upi-har*
terra OBLIQ-PSP-NOML
“**Terrestre**”.
[Lit: “O que é da terra”]. Boudin (1966, p. 87) Vol. II
- (34a) *ahur r-ehe-har*
esquerdo C-PSP-NOML
“Esquerdo, esquerda”.
[Lit: “O que está no lado esquerdo”]. Boudin (1966, p. 17 Vol. I)
- (34b) *he-po he ø-ahur r-ehe-har*
3-mão 3 POSS-esquerdo C-PSP-NOML
“A minha mão do lado esquerdo”. Boudin (1966, p. 17) Vol. I
- (35) *akwej pe-har*
aquele PSP-NOM
“A gente daquele lugar”. Boudin (1966, p. 22) Vol. I
- (36a) *ʔa-ramo*
cima-PSP-NOML
“Acima de, por cima de”. Boudin (1966, p. 34) Vol. I
- (36b) *ʔa-ramo-har*
cima-PSP-NOML
“Superior, o de cima”. Boudin (1966, p. 34) Vol. I
- (37a) *po pe-har*
mão PSP-NOML
“Aquilo que é para a mão”. Boudin (1966, p. 35) Vol. I
- (37b) *arawi po pe-har*
capacete mão PSP-NOML
“Cetro de chefes tembé”. Boudin (1966, p. 35) Vol. I
- (38) *he r-ehe-har*
Meu OBLIQ-PSP-NOML
“Os meus haveres pessoais”.
[Lit: “Aquilo que é meu”]. Boudin (1966, p. 60) Vol. I

NOMINALIZAÇÃO DE C/IPS

- (39a) *aʔe awa r-oʔo-kwer u-ʔu*
 ele homem GEN-carne-PASS 3-comer
 “Ele come carne de homem”.
- (39b) *awa r-oʔo-kwer-ʔu-har*
 homem GEN-carne-PASS-comer-NOML
 “**Antropófago**” Lit: “Comedor de carne de homem”.
 Boudin (1966, p. 99) Vol. I
- (40) *kəmiəw h-eru-ata-har*
 caminhão 3-COM-andar-NOML
 “Motorista de caminhão, de carro”.
 Harrison (2007)
- (41a) *maʔe i-apo-katu-har*
 coisa 3-fazer-bom-NOML
 “**Sabido**” Lit: “Pessoa que sabe consertar as coisas”.
 Harrison (2007)
- (41b) *maʔe kwaw-har-ʔim*
 coisa saber-NOML-NEG
 “**Ignorante**”.
 [Lit: “Algo ou alguém que não sabe; pessoa ou animal, sem juízo”].
 Harrison (2007)
- (42a) *maʔe meʔeŋ-har*
 coisa vender-NOML
 “**Comerciante**”.
 [Lit: “Aquele que vende coisas”].
 Harrison (2007)
- ↓
- (42b) *maʔe meʔeŋ-ar*
 coisa vender-NOML
 “**Comerciante**”.
 [Lit: “Aquele que vende coisas”].
 Harrison (2007)
- (43) *mu-həŋ¹⁶ kwaw par*
 CAUS-sadio conhece NOML
 “**Médico**”.
 [Lit: “Aquele que conhece remédios”].
 Harrison (2007)

¹⁶ *mu-həŋ* = “Remédio”

6.4. NOMINALIZAÇÕES COMO MECANISMO NÃO RESTRITO AO COMPONENTE MORFOLÓGICO

A teoria que assumiremos, a partir da constatação de que PSPS e C/IPS podem se transformar em D/NPs por meio do acréscimo dos sufixos {-har}, em Tenetehára, é a de que a derivação morfológica de nomes não é um processo que se dá exclusivamente no componente morfológico da gramática. Everett (1999)¹⁷ apresenta um processo de verbalização de frases inteiras na língua wari, semelhante ao processo de nominalização de PSPS e C/IPS do Tenetehára, mostrado na seção 6.3.. Com base nessas evidências, a teoria que defendemos neste trabalho é a de que o lugar da morfologia não é antes, nem tão pouco depois da sintaxe, mas se coloca junto à sintaxe na derivação. Por mais de 20 anos, Chomsky defendeu a Hipótese Lexicalista Forte. Segundo esta hipótese, as palavras são formadas somente na morfologia, a qual é parte integrante do léxico. Também Raposo (1992, p. 99), referindo-se a Chomsky e à Hipótese Lexicalista, sustenta que esta teoria estabelece como preceito que os itens lexicais, nas formações de palavras por derivação, são inseridos no componente sintático **após** as aplicações das regras derivativas terem sido aplicadas¹⁸. Conforme Everett (1999), em Wari há a formação de verbo a partir de toda uma oração (ver

¹⁷ Conforme Everett (1999, p. 26) “*existem três posições teóricas em vista da controvérsia sobre a relação entre morfologia e sintaxe: (i) todas as palavras são formadas no léxico (um componente pré-sintático); (ii) uma parte da formação de palavras é lexical e o restante é sintático; (iii) toda formação de palavras é sintática*”.

¹⁸ Conforme Raposo (1992, p. 99), “*A derivação morfológica de formas lexicais relacionadas (por exemplo, de atribuição a partir de atribui) é feita por regras morfológicas integradas no léxico, as quais adicionam sufixos às formas de base, especificando a categoria gramatical dessa forma de acordo com a natureza do sufixo adicionado. É apenas depois da aplicação destas regras que as palavras são inseridas na estrutura sintática das orações.*”

Everett 1999). Também em Tenetehára, temos nominalizações de PSP e de C/IPs. Dessa maneira, as evidências da língua Wari e os dados repetidos em (47b) e (48b) constituem forte evidencia a favor de nossa hipótese.

(47a) *pí r-ehe*
 pé OBLIQ-PSP
 “Do/em/que tem a ver com pé”.

(47b) *pí r-ehe-har*
 pé OBLIQ-PSP-NOML
 “Calçado, sapato, tamanco” Lit: “Aquilo que é do pé”.

(48a) *aʔe awa r-oʔo-kwer u-ʔu*
 ele homem ABS-carne-PASS 3-comer
 “Ele come carne de homem”.

(48b) *awa r-oʔo-kwer-ʔu-har*
 homem ABS-carne-PASS-comer-NOML
 “**Antropófago**”.
 [Lit: “Comedor de carne de homem”].

Em suma, dada a circunstância de que existem línguas como o Wari, que verbalizam toda uma oração; e como o Tenetehára que permite nominalizar sintagmas posposicionais e mesmo uma oração inteira, como nos revelam os dados (47b) e (48b), proporemos que a formação de palavras em Tenetehára não parece ser um fenômeno restrito à morfologia. Por esta razão, não serão exatamente as nominalizações de constituintes complexos no Tenetehára e as orações verbalizadas em Wari as evidências necessárias que possuímos para sustentar a hipótese de que a formação de palavras faz parte também da sintaxe, e não somente da morfologia? A busca de respostas mais sólidas para essa indagação constitui um importante objetivo

para o desenvolvimento de pesquisas futuras. Contudo, temporariamente, nossa resposta a esta questão será que há sim formação de palavras no componente sintático da gramática.

6.5. RESUMO DO CAPÍTULO

Como pôde ser visto, parece ter boa plausibilidade a comparação dos processos de formação de palavras entre o português e o Tenetehára. Por exemplo, o sufixo agentivo $\{-(d)or\}$ em português parece ter uma acepção comparável ao afixo $\{-har\}$ em Tenetehára. Além disso, foi demonstrado que o sufixo $\{-har\}$ deriva palavras por meio de bases simples e por meio de sintagmas complexos.

Como resultado da análise, proporemos que há sim palavras sintáticas em Tenetehára. Nesse aspecto, Hipótese Lexicalista Forte de Chomsky (1970 e 1995) precisa ser mais flexibilizada, uma vez que os dados do Tenetehára sugerem que podemos ter formação de palavras também no nível sintático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo fazer um estudo da interface entre a morfologia e a sintaxe na língua Tenetehára. Neste sentido, a análise pôde fornecer dados de ocorrência de morfemas de aumento e diminuição de valência verbal, morfema de Caso absolutivo, de Caso nominativo, de tempo/aspecto/modo e de negação. Com base na seqüência em que co-ocorrem os afixos verbais, foi-nos possível sugerir uma possível ordem em que estes afixos são inseridos na derivação sintática. Mostramos que a língua Tenetehára se comporta de forma análoga ao Esquimó no que se refere à incorporação do objeto, saber, determinados verbos transitivos ao terem ser objeto incorporado, tornam-se verbos intransitivos. Averiguamos que este comportamento sintático dá sustentação adicional à hipótese da inergatividade, segundo a qual os inergativos são, ao final das contas, transitivos implícitos conforme Hale e Keyser (1993). Mostramos ainda que o prefixo causativo {-mu} é a manifestação do verbo leve na morfologia. Tal afixo parece ser um recurso de diminuição de valência verbal do qual a língua Tenetehára dispõe. Nesta linha de investigação, o prefixo reflexivo {-ze} constitui-se em um recurso de diminuição de valência verbal, atuando de forma ampla em construções de incorporação do objeto. A análise das ocorrências do afixo {-ze} permitiu-nos observar que este reflexivo ocorre quando o NP_{nu} incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL] e constitui-se na posse do sujeito da sentença. Utilizando de intuições da literatura gerativa, apontamos

para o fato de que os verbos inacusativos são defectivos em SPEC-VP, e que tal fato é comum nas línguas naturais. Seguindo esta intuição, listamos algumas sentenças em diferentes línguas na finalidade de tornar notória a característica sintático-semântica dos verbos inacusativos não terem um argumento externo. Ainda nesta linha de raciocínio, a presente dissertação foi capaz de revelar que o sufixo {-har} desempenha a função de derivar nomes a partir de verbos de maneira análoga ao sufixo {-(d)or} do Português. Desta forma, a co-ocorrência do sufixo {-har} com verbos inacusativos resultará em sentença agramatical. Nesta linha de raciocínio, a possibilidade ou não de determinado verbo ser nominalizado por meio do sufixo {-har} constitui-se num diagnóstico de inacusatividade. Propusemos ainda flexibilizar a Hipótese Lexicalista a fim de dar conta do escopo do sufixo {-har}. Tal flexibilização parece se fazer necessária haja vista termos detectado nominalizações de PPS e C/IPS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGER, David. (2003) *Core Syntax. A minimalist approach*. Oxford University Press.

ALEXADIOU, Ártemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena and EVERAERT, Martin (2004) *The Unaccusativity Puzzle. Explorations of syntax-lexicon interface*. Oxford University Press Inc., New York.

BASÍLIO, Margarida. (1991) *Teoria Lexical*. Editora Ática, Rio de Janeiro.

BOBALJIK Jonathan. (1993) *MIT working papers in linguistics 19*. 45-88. Papers on Case & Agreement II.

BOUDIN, Max H. (1966) *O simbolismo verbal primitivo*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Departamento de Publicações – Série Ciências Sociais. Presidente Prudente.

_____. (1966) *Dicionário de Tupi Moderno*. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas. São Paulo.

CABRAL, Ana Suelly A. C. *Flexão relacional na família Tupi-Guaraní*. Belém, UFPA, 2000, ms.

CHOMSKY, Noam. *Remarks on nominalization*. In: JACOBS e ROSENBAUM (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell, 1970.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

CUNHA, Celso. (2001) *Nova gramática do português contemporâneo*. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

DERBYSHIRE, Desmond C. 1977. *Word order universals and the existence of OVS languages*. *Linguistic Inquiry* 8: 590-99.

DUARTE, Fábio Bonfim (1997) *Análise gramatical das orações da Língua Tembé*. Brasília, 95 f., Dissertação de mestrado Instituto de Letras/LIV, UnB.

_____. (2002) *Construções de gerúndio na língua Tembé*. *Revista LIAMES*, Campinas: Unicamp, v. 1, n. 1, p. 77-90.

_____. (2003) *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Belo Horizonte, Tese de Doutorado Inédita, UFMG, 198 p.

_____. (2004) *Propriedades denotacionais dos prefixos {i-} e {h-} em Tenetehára*. Campinas: Unicamp, Comunicação apresentada durante o GEL, ms.

_____. (2005) *Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára*. Departamento de Lingüística – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Campus Universitário Pampulha – Belo Horizonte – MG – Brasil.

_____. (2007) *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte – MG – Brasil.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.

EVERETT Daniel L. (1999) *Formação sintática de palavras em Wari'*. Artigo publicado na Revista Palavra, nº 5. Departamento de Letras da PUC, Rio de Janeiro.

GOMES, Mércio Pereira. (2002) *O índio na história. O povo Tenetehára em busca da liberdade*, Editora Vozes. Petrópolis.

GRANIER, D. M. (2005) *A natureza dos prefixos relacionais em Guarani Antigo*. In: *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora UnB, p. 129-140.

HALE, Ken; KEYSER, Jay. *Aspect and the syntax of argument structure*, MIT, 1993, ms.

HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: Derbyshire and Pullum (Ed.). *Handbook of amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986, v. 1, p. 407-439.

_____. (2007) Arquivo pessoal.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. (1995) *Manual de morfologia do português*. 4ª Edição, revisada e ampliada, Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, UFJF.

LAKA, Itzar. (1993) *MIT working papers in linguistics 18*. 149-172. Papers on Case & Agreement I.

LEVIN & RAPPAPORT. (1985) *At the syntax – lexical and semantics interface*. Massachusetts Institute of Technology.

PERLMUTTER, D. M. (1978) *Impersonal passives and the unaccusative hypothesis*. In Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, University of California, Berkeley.

MÉRCIO, Pereira Gomes. (2002) *O índio na história. O povo Tenetehára em busca da liberdade*, Editora Vozes. Petrópolis.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 56, p. 97-140, 2001.

MIOTO, Carlos et alii. *Novo manual de sintaxe*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2004. v. 1. 280 p.

RADFORD, Andrew. (1997) *Syntactic theory and the structure of English. A minimalist approach*. Cambridge University Press.

_____. (1998) *Introduction to minimalism*. Oxford: Oxford University Press.

_____. (2003) *Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English*. Cambridge: CUP.

RODRIGUES, Aryon. D. (1999) *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.

_____. (2002) Relações Internas na família lingüística Tupi-Guarani. In: *Revista de Antropologia*, n. 19, p. 33-53, 1984/1985.

_____. (2002) *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Editora Loyola. São Paulo.

RAPOSO, Eduardo Paiva. (1992) *A teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. 2ª Edição. Editorial Caminho, AS, Lisboa.

_____. *O Programa minimalista – Noam Chomsky*. (1999) Portugal, Lisboa: Editorial Caminho.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. (1997). SN Nu. "Buscar menino no colégio". *A questão do objeto incorporado em Português*. Editora Pontes. Campinas SP.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca [et al.]. (2001) *Aspectos gramaticais do português. Uma abordagem funcionalista*. Mercado de Letras. Campinas SP.

URIBE-ETXEBARRIA, Myriam. 1989. On noun incorporation in Basque and some of its consequences in the phrase-structure. Ms. U. Conn, Storrs.